

UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
PRÓ-REITORIA DE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO E FUNDAMENTOS DA EDUCAÇÃO: PRÁTICAS
PEDAGÓGICAS E INTERDISCIPLINARES

DILMA DE SOUZA ADELAIDE MEDEIROS

**AS DIFICULDADES DE LEITURA E ESCRITA: OLHAR PARA O 6º ANO DO
ENSINO FUNDAMENTAL DA ESCOLA PEDRO LINS VIEIRA MELO.**

João Pessoa – PB
2014

DILMA DE SOUZA ADELAIDE MEDEIROS

**AS DIFICULDADES DE LEITURA E ESCRITA: OLHAR PARA O 6º ANO DO
ENSINO FUNDAMENTAL DA ESCOLA PEDRO LINS VIEIRA MELO.**

Monografia apresentada ao Curso de Especialização Fundamentos da Educação: práticas pedagógicas interdisciplinares da Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento às exigências para obtenção do título de Especialista em Educação.

Área de Concentração: Diversidade, Linguagens e Formas de Interação

Orientadora: Rosilene Agapito da Silva Llarena

João Pessoa – PB
2014

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

M488d Medeiros, Dilma de Souza Adelaide

As dificuldades de leitura e escrita [manuscrito] : olhar para o 6º ano do ensino fundamental da Escola Pedro Lins Vieira Melo / Dilma de Souza Adelaide Medeiros. - 2014.

69 p. : il.

Digitado.

Monografia (Especialização em Letras: Estudos Linguísticos e Literários) - Universidade Estadual da Paraíba, Pró-Reitoria de Ensino Médio, Técnico e Educação à Distância, 2014.

"Orientação: Profa. Ma. Rosilene Agapito da Silva Liarena, Departamento de Ciência da Informação".

1. Dificuldades 2. Leitura 3. Escrita I. Título.

21. ed. CDD 372.4

**AS DIFICULDADES DE LEITURA E ESCRITA: OLHAR PARA O 6º ANO DO
ENSINO FUNDAMENTAL DA ESCOLA PEDRO LINS VIEIRA MELO.**

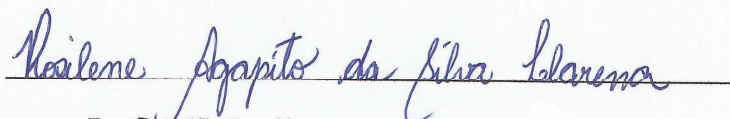
DILMA DE SOUZA ADELAIDE MEDEIROS

Monografia apresentada ao Curso de Especialização da
Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento às
exigências para obtenção do título de Especialista em Educação.

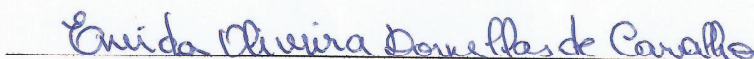
Área de Concentração: Diversidade, Linguagens e Formas de
Interação

Aprovada em: 14/06/ 2014

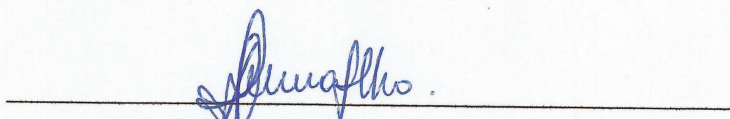
Banca Examinadora:



Prof.^a MS. Rosilene Agapito da Silva Llarena
(Orientadora – UEPB)



Prof.^a Ms. Eneida Oliveira Dornellas de Carvalho
(Examinadora - UEPB)



Prof.^a Ms. Jailto Luis Chaves de Lima Filho
(Examinador - UEPB)

Dedico essa monografia em especial aos meus filhos Joel e Diane pelo apoio e paciência e a minha orientadora Rosilene Agapito a quem tanto admiro pela sua compreensão e pelas palavras de incentivo nos momentos de desenvolvimento dessa pesquisa.

AGRADECIMENTOS

À Deus primeiramente por ter me iluminado dando-me força, saúde, sabedoria e coragem para realização dessa monografia.

À professora orientadora Rosilene Agapito pela orientação, dedicação e disponibilidade com que acompanhou a elaboração dessa pesquisa.

À os colegas de curso pelos momentos que compartilhamos nossas dificuldades, mas também as superações.

Ao meu esposo e aos meus dois filhos que sempre acreditaram que eu era capaz por meio de palavras encorajadoras que muito me estimularam e que tiveram paciência e entenderam minha ausência durante a realização do curso.

Aos meus colegas professores (as) e aos meus queridos alunos, em especial do 6º ano A que contribuíram diretamente para concretização desse projeto de pesquisa.

“Ler não é caminhar e nem voar sobre as palavras. Ler é reescrever o que estamos lendo, é perceber a conexão entre o texto e o contexto e como vincula com o meu contexto.”

(Paulo Freire)

RESUMO

MEDEIROS, Dilma de Souza Adelaide. As dificuldades de leitura e escrita: olhar para o 6º ano do ensino fundamental da escola Pedro Lins Vieira de Melo. João Pessoa, 2014. 72 f. Monografia de Especialização – Curso de Especialização Fundamentos da Educação: práticas pedagógicas interdisciplinares, Universidade Estadual da Paraíba, João Pessoa, Paraíba, 2014.

A pesquisa apresenta uma análise das dificuldades de aprendizagem na Leitura e Escrita dos alunos do 6º ano do ensino fundamental II da escola estadual Pedro Lins Vieira de Melo. O presente estudo se baseou na abordagem qualitativa, bibliográfica e descritiva, através da realização de questionários com os professores e observações, questionários e exercícios de conversação, interpretação com alunos da escola pesquisada. Objetiva analisar os métodos de ensino-aprendizagem de leitura e escrita dos alunos do ensino fundamental II, da Escola Estadual Pedro Lins Vieira de Melo; estudar e entender os conceitos que permeiam o processo de leitura e escrita no contexto do ensino fundamental II; identificar as problemáticas que levam à dificuldade de leitura e escrita dos alunos do ensino fundamental II da Escola Estadual Pedro Lins Vieira de Melo; descrever as dificuldades de leitura e escrita dos alunos citados; e, propor ações de estímulo e incentivo à leitura. Através da pesquisa pudemos compreender o processo de aprendizagem da leitura e escrita, constatar os principais obstáculos encontrados pelos alunos no processo de aprendizagem de leitura e escrita e entender a necessidade da união de toda a equipe escolar para que os alunos possam adquirir as habilidades necessárias mínimas para a aquisição da leitura e da escrita.

Palavras-chave: Leitura e escrita; Processo de ensino-aprendizagem; Papel do professor.

ABSTRACT

This research presents an analysis on the difficulties in the learning of Reading and Writing of students from the Sixth Grade Secondary School in the Pedro Lins Vieira de Melo Public School (Escola Estadual Pedro Lins Vieira de Melo). This study is based on qualitative, bibliographical and descriptive approaches, through techniques, such as: questionnaires with teachers, class observation, class teaching, and interpretation with students at the school under analysis. This paper aims at analyzing the teaching-learning of Reading and Writing methods with students from the Secondary School, in the Pedro Lins Vieira de Melo Public School; studying and understanding concepts that take part of the teaching-learning process in the context of Secondary School; identifying the reasons that lead to difficulties in the learning of Reading and Writing of students from Secondary School in the Pedro Lins Vieira de Melo Public School; describing difficulties in the Reading and Writing of the students involved, and proposing stimuli actions and incentive to Reading. One could understand, through the research herein, the process of the learning of Reading and Writing and comprehend the main obstacles found by the students involved in the learning process of Reading and Writing, as well as understanding the joint of all the school team for students could acquire the minimal needed abilities to Reading and Writing acquisition.

KEYWORDS: Reading. Writing. Teaching-Learning Process. Teachers' Role.

LISTA DE ABREVIATURAS E / OU SIGLAS

CF	Constituição Federal
DDA	Distúrbio de Déficit de Atenção
DVD	Disco Digital Versátil
ECA	Estatuto da Criança e do Adolescente
EJA	Educação de Jovens e Adultos
IDEB	Índice de Desenvolvimento da Educação Básica
INEP	Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas
LDB	Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional
MEC	Ministério da Educação
OMS	Organização Mundial de Saúde
PROERD	Programa Educacional de Resistência às Drogas e à Violência
PSF	Programa Saúde da Família
TDAH	Transtorno de Déficit de Atenção
UFPB	Universidade Federal da Paraíba
UNIPÊ	Centro Universitário de João Pessoa
UVA	Universidade Veiga de Almeida

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Gráfico 1: Dificuldades na leitura e escrita

Gráfico 2: Ajuda da escola no processo de aquisição da leitura e da escrita.

Gráfico 3: Acertos nas atividades

SUMÁRIO

RESUMO.....	08
ABSTRACT.....	09
LISTA DE ABREVIATURAS E / OU SIGLAS.....	10
LISTA DE ILUSTRAÇÕES.....	11
1 INTRODUÇÃO (PRIMEIRAS PALAVRAS).....	14
1.1 Justificativa.....	15
1.2 Objetivos.....	17
2 METODOLOGIA.....	18
2.1 Tipologia da pesquisa.....	18
2.2 Universo e amostra da pesquisa.....	19
2.3 Área geográfica de execução da pesquisa.....	19
2.4 Coleta de dados e detalhamento.....	21
3 A PROBLEMÁTICA À LUZ DOS CONCEITOS EDUCACIONAIS SOBRE LEITURA E ESCRITA.....	23
3.1 As hipóteses de pesquisa.....	23
3.2 O problema de pesquisa.....	24
3.3 Diagnosticando as dificuldades de leitura e escrita no 6º ano da escola Pedro Lins Vieira de Melo.....	24
3.4 Os desafios da prática docente.....	31
4 DIFICULDADES DE LEITURA E ESCRITA NO ENSINO FUNDAMENTAL II.....	35
4.1 Conceitos e discussões sobre leitura e escrita.....	35
4.2 Conquistando a leitura, descobrindo a escrita.....	36
4.3 Ações de incentivo à leitura e à escrita no ensino fundamental II.....	38
5 RESULTADOS DA PESQUISA.....	41
5.1 Questionário aplicado com os professores do 6º ano da escola Pedro Lins Vieira de Melo.....	41
5.2 Questionário aplicado com os alunos do 6º ano do ensino fundamental II.....	47
5.3 Atividades aplicadas.....	51
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	54
REFERÊNCIAS.....	56
APÊNDICES.....	59
Apêndice A – Questionário I aplicado aos professores do ensino fundamental II da escola Pedro Lins Vieira de Melo.....	60
Apêndice B – Questionário II aplicado aos alunos do 6º ano do ensino fundamental II da escola Pedro Lins Vieira de Melo.....	62

Apêndice C – Atividades aplicadas aos alunos.....	64
ANEXOS.....	69
Anexo A - Fotos da aplicação do questionário e dos exercícios aos alunos.....	70

1 INTRODUÇÃO

É notável o número de crianças e adolescentes que não tem o domínio da leitura e da escrita nos anos iniciais, e até mesmo finais, do Ensino Fundamental I e II. Os problemas de aprendizagem é um tema que há anos tem atormentado professores e pesquisadores. Apesar das legislações (Constituição Federal (CF), Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), Lei de Diretrizes e Bases (LDB) 9394/96, entre outras) apontarem o ingresso e a permanência de todos na escola, o que se tem visto é a exclusão de alunos, não fisicamente, mas sim do conhecimento que a escola pode oferecer. Portanto, muitas vezes a escola não tem cumprido o dever de ofertar aos seus estudantes os assuntos historicamente produzidos e socialmente necessários.

O insucesso escolar é resultado de diferentes variáveis. Antigamente suas causas foram atribuídas aos fatores extra-escolares. A família, a necessidade e obrigação em trabalhar e as condições dos alunos eram apontadas como as causas.

Nos dias de hoje, esse insucesso vem de fatores tanto extra, como intra-escolares, tais como o ensino precário e insuficiente resultado de currículos antiquados ou até mesmo falsos, falta de motivação tanto por parte do professor quanto do aluno e fatores culturais e socioeconômicos. Outros fatores são causas relacionadas ao desenvolvimento biológico.

Segundo Castillo (1999), para que a criança faça uso da leitura e escrita, tornam-se necessárias algumas habilidades, tais como: discriminação visual; discriminação auditiva; memória visual e auditiva; coordenação motora; coordenação motora fina; conhecimento do esquema corporal; orientação espacial; atenção seletiva; domínio da linguagem oral; diferenciação entre letras e outros símbolos; cópia de modelos e memorização de relatos curtos, canções infantis, versos de rima fácil.

Ferreiro e Teberosky (1986), que elaboraram um longo estudo sobre a história da escrita, afirmavam que, para construir a escrita, o indivíduo passava por níveis que são denominados de pré-silábico, silábico, silábico-alfabético e alfabético. O primeiro nível é quando o pensamento faz as passagens pelas fases icônicas, de grafismo primitivo, uso de letra, em que se estabelece a quantidade mínima ou máxima, sem diferenciação de uma palavra para outra. No nível silábico, ao escrever, o indivíduo coloca uma letra para cada sílaba e não uma letra para cada fonema. Na fase silábico-alfabética, passa a

escrever ora silabicamente, ora alfabeticamente. Na fase alfabética, as letras componentes das sílabas passam a corresponder à base alfabética dos sistemas fonológico e gráfico da língua, na qual o indivíduo se alfabetiza.

Então, pesquisar o processo de leitura e escrita no ensino fundamental II no 6º ano “A” da Unidade de Ensino Pedro Lins Vieira de Melo tem o objetivo de analisar e repensar as condições de aprendizado ofertadas pela escola aos alunos. É válido frisar que a turma citada foi apenas uma amostra para o tema em estudo, pois sabemos que a problemática estudada não se restringe apenas a essa série ou escola, esse é um problema que está presente em uma grande parte das instituições de ensino brasileiras, principalmente na rede pública de ensino.

O presente trabalho irá se dividir em cinco seções. A primeira seção aborda a metodologia da pesquisa, na qual o pesquisador procede a um conhecimento científico, contendo a tipologia, o universo e amostra da pesquisa, área geográfica de execução e a coleta de dados e detalhamento. A segunda seção trata da adversidade da pesquisa, em que procuramos entender, dentro dos conceitos educacionais, a problemática já enunciada. A terceira seção, cujo título é dificuldades de leitura e escrita no ensino fundamental II, trata dos conceitos e discussões sobre o tema, das conquistas e descobertas da leitura e escrita e das ações de incentivo. A quarta seção contém os resultados da pesquisa e, por fim, na última seção, estão as considerações finais.

1.1 Justificativa

As habilidades da leitura e da escrita são consideradas dois pilares fundamentais para aquisição do conhecimento nos dias atuais e requerem, além da simples decodificação das letras, seu usufruto para realizar a leitura do mundo.

Ao ensaiar escrever sobre a importância do ato de ler, eu me senti levado – e até gostosamente – a “reler” momentos fundamentais de minha prática, guardados na memória, desde as experiências mais remotas de minha infância, de minha adolescência, de minha mocidade, em que a compreensão crítica da importância do ato de ler se veio em mim constituindo. (FREIRE, 1988, p. 1).

Este sentimento, emitido por Freire (1988), nos remete à ação de aprimoramento do processo de leitura e escrita vivido por nossos alunos. Para tanto, faz-se necessário amadurecimento teórico e análise crítica de nossa prática avaliativa. Daí a primeira justificativa de nossa pesquisa.

Segundo Freire (1988, p.10), “a leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não possa prescindir da continuidade da leitura daquele.”

Linguagem e realidade se prendem dinamicamente. A compreensão do texto a ser alcançada por sua leitura crítica implica a percepção das relações entre o texto e o contexto.

Atualmente, vivemos em uma cultura onde o acesso à informação e ao conhecimento acontece de maneiras diferenciadas. Pode ser através dos livros, revistas, jornais, propagandas, internet, jogos, entre outros. Contudo, a capacidade de entender e utilizar conscientemente esses meios de comunicação e informação se dá através da habilidade de leitura e escrita de forma a exteriorizar opinião crítica e agir sobre os domínios do mundo da informação.

Nesse contexto do mundo da leitura e da escrita, a escola tem um cenário próprio para despertar o hábito de ler e escrever, desenvolver e formar o sentimento de cidadania, e, facilitar o acesso aos livros e aos educadores, que podem nortear a aquisição dos conhecimentos necessários à vida do educando, através de maneiras diversificadas: música, dança, filmes, acesso à internet, debates e discussões, pesquisas, enfim, da própria leitura do mundo que cerca a vida em sociedade.

Facilitar e despertar o gosto pela leitura nas diversas áreas do conhecimento é abrir um mundo de possibilidades e transformar esse saber, de forma que os educandos produzam suas próprias condições de elaborar suas leituras de mundo, de forma crítica e autônoma, formando cidadãos prontos para atuar na transformação de suas vidas e na vida de sua comunidade.

É papel do Estado, da escola, da família e da sociedade o incentivo à leitura e a promoção de oportunidades de acesso à informação e ao conhecimento, pois o estudo é um item essencial. Não aprender ou proceder com as dificuldades de ler e escrever é parar no tempo, é impossibilitar aos alunos o desvendar do mundo através da própria história.

A pesquisa justifica-se, portanto, através da pesquisa-ação, com educandos no aprimoramento e incentivo à leitura e à escrita, levando-os ao protagonismo estudantil.

Esta pesquisa é importante por tentar abordar de maneira científica, portanto com rigor, as dificuldades de leitura e escrita no ensino fundamental II, da escola já citada, enfatizando o estudo de caso da turma do 6º ano A, tratando dos conceitos e discussões sobre o tema, das conquistas e das ações de incentivo para aprimoramento do processo de leitura e escrita.

1.2 Objetivos

✓ Geral

Analisar os métodos de ensino-aprendizagem de leitura e escrita nos alunos do ensino fundamental II, da Escola Estadual Pedro Lins Vieira de Melo.

✓ Específicos

- ❖ Estudar e entender os conceitos que permeiam o processo de leitura e escrita no contexto do ensino fundamental II;
- ❖ Identificar as problemáticas que levam à dificuldade de leitura e escrita dos alunos do ensino fundamental II da Escola Estadual Pedro Lins Vieira de Melo;
- ❖ Descrever as dificuldades de leitura e escrita dos alunos citados;

2 METODOLOGIA

A metodologia da pesquisa científica ajuda-nos todos a superar dificuldades na hora de elaborar uma produção científica. Os processos de preparação, da redação e da apresentação de trabalhos científicos envolvem um grande número de variáveis de natureza técnica e estética, dentre as quais, podemos destacar a disciplina, a criatividade na seleção da bibliografia, a leitura de forma organizada, a coragem e o rigor na abordagem do assunto, além da obediência a certas normas de redação e apresentação do texto final.

A metodologia irá abordar as principais regras da produção científica para alunos dos cursos de graduação, pós-graduação, fornecendo uma melhor compreensão sobre a sua natureza e objetivos, podendo auxiliar para melhorar a produtividade dos alunos e a qualidade e eficiência nas suas produções.

2.1 Tipologia da pesquisa

A presente pesquisa se classifica como qualitativa, descritiva, e bibliográfica. É qualitativa por buscar percepções e entendimento sobre a natureza geral de nossa questão investigativa, abrindo espaço para a interpretação.

É descritiva por procurar observar, registrar, analisar, classificar e interpretar os fatos ou fenômenos, cujo objetivo principal é a descrição das dificuldades de leitura e escrita do 6º ano do Ensino Fundamental da Escola Estadual Pedro Lins Vieira Melo.

Segundo Trivinos (1987), a pesquisa descritiva exige do investigador uma série de informações sobre o que deseja pesquisar. Esse tipo de estudo pretende descrever os fatos e fenômenos de determinada realidade.

É uma pesquisa bibliográfica porque abrange a leitura, análise e interpretação de livros, periódicos e outros documentos para a construção da fundamentação teórica que

explica nossa ação enquanto pesquisadora com suporte teórico e contribuições científicas disponíveis em diferentes suportes.

A pesquisa bibliográfica dá suporte a todas as fases de qualquer tipo de pesquisa, uma vez que auxilia na definição do problema, na determinação dos objetivos, na construção de hipóteses, na fundamentação da justificativa da escolha do tema e na elaboração do relatório final.

2.2 Universo e amostra da pesquisa

A presente pesquisa tem por objetivo identificar as dificuldades na leitura e escrita encontradas em sala de aula procurando solucioná-las. Por perceber, enquanto educadora, as dificuldades latentes foi a Escola Estadual Pedro Lins Vieira de Melo, sob o olhar da turma do 6º ano do Ensino Fundamental.

Participaram da pesquisa 35 alunos do 6º ano A, cujas idades variam entre 10 a 12 anos. A amostra foi escolhida pelo fato de ser a turma que mais apresenta dificuldade na disciplina língua portuguesa e inglesa, as quais trabalham diretamente com leitura e escrita.

2.3 Área geográfica de execução da pesquisa

A Escola Estadual Pedro Lins Vieira de Melo está localizada na Rua Francisco Pereira de Souza, no bairro de Mangabeira da cidade de João Pessoa, Paraíba. Foi fundada pelo decreto lei 11.260/86 no dia 06/06/1986 na gestão do então governador Wilson Leite Braga. Recebeu esse nome para homenagear o pai da Secretária de Educação Emília Lins Freire. Seu primeiro gestor foi o professor Josafá Lopes de Oliveira. Sua atual gestora é a professora Maria José Pinto Costa, mais conhecida como Rosinha.

Em seus quase 2000 metros quadrados, esse estabelecimento de ensino dispõe de 10 salas de aulas, uma cantina e laboratório de informática com 15 computadores.

Possui três integrantes na direção, um psicólogo e 43 professores distribuídos no ensino fundamental I, II e na Educação de Jovens e Adultos (EJA) pelos turnos da manhã, tarde e noite. Também possui 48 funcionários dentre agentes e auxiliares administrativos, secretários, inspetores, porteiros e vigilantes, merendeiros, digitadores, regente da banda marcial e prestadores de serviço.

Desenvolve simultaneamente projetos e programas, tais como: orientações em sala de aula de primeiros socorros dadas pelo Corpo de Bombeiros Militar do Estado da Paraíba; o Programa Educacional de Resistência às Drogas e à Violência (PROERD) trabalho educativo semanal com as turmas dos 5º anos A e B sobre prevenção às drogas, por meio do qual os educadores fazem reuniões com os pais ou responsáveis dos alunos; um Programa Saúde da Família (PSF) em que a escola desenvolve ações como avaliação antropométrica, avaliação oftalmológica com as turmas do 1º ano inicial ao 9º ano do ensino fundamental, palestras nos turnos da manhã e tarde sobre bullying e prevenção às drogas.

A escola também abre espaço para campo de estágios com a Universidade Federal da Paraíba (UFPB), Centro Universitário de João Pessoa (UNIPÊ) e Universidade Veiga de Almeida (UVA). Atuam estagiários dos cursos de pedagogia e psicopedagogia que somam informações para práticas pedagógicas, como também estagiárias do curso de odontologia do UNIPÊ, que desenvolve o Projeto de Higiene Bucal com as turmas do ensino fundamental I.

Apesar de uma grande quantidade de professores, funcionários e projetos desse colégio, as taxas de rendimento escolar estão muito longe do ideal. Segundo dados coletados na própria Secretaria de Educação do Estado da Paraíba, na subgerência de estatística, apenas 77% dos alunos do 1º ao 5º ano e 68,5% do 6º ao 9º ano são aprovados. Mais alarmante ainda é a taxa de abandono do ensino fundamental, com 16,2% do 1º ao 5º ano e 9,1% do 6º ao 9º ano.

Essa escola estadual apresentou, segundo o MEC/INEP 2011, a nota do IDEB de 3,5. Uma nota relativamente baixa em relação à média das escolas estaduais da Paraíba, não alcançando o esperado para o mesmo ano. O IDEB é o Índice de Desenvolvimento da Educação Básica, uma das primeiras iniciativas brasileiras para medir a qualidade do aprendizado nacionalmente e estabelecer metas para a melhoria do ensino.

2.4 Coleta de dados e detalhamento

A coleta de dados vem se dando ao longo do processo do ano de 2013 até o mês de março do corrente ano através de questionários e atividades dirigidas a alunos do 6º ano e professores de todo o ensino fundamental II. A coleta foi analisada nos meses de fevereiro e março de 2014.

Inicialmente foi aplicado um simples exercício para avaliação de leitura e conhecimentos básicos da língua portuguesa. Foi entregue a atividade com 3 textos de diferentes gêneros, “O homem e a Galinha” de Ruth Rocha, “As sem-razões do amor” de Carlos Drummond de Andrade e uma tirinha da turma da Mônica, escrito e editado por Maurício de Sousa. Cada aluno escolheu e leu textos para o restante da turma e a partir disso foi realizada observação e uma avaliação coletiva da leitura dos próprios alunos.

Posteriormente foram aplicados exercícios avaliativos para interpretação de textos a partir da obra adaptada de La Fontaine, “A cigarra e a formiga”. Na aplicação desses exercícios interferimos enquanto educadora, explicando a atividade e aplicando metodologia de ensino inovadora sobre o conteúdo abordado, para só então, avaliar o processo de leitura e escrita de maneira individual para que pudéssemos perceber as dificuldades no processo de ensino-aprendizagem da leitura e da escrita.

Por fim, foi aplicado um questionário aos professores de todo o ensino fundamental II para que eles classificassem o processo de leitura e escrita da escola, e enumerassem as dificuldades vividas no processo educativo, além de mostrarem as possíveis soluções. O questionário constou das seguintes perguntas:

1. Como você classifica o processo de leitura e escrita dos alunos do 6º ano do ensino fundamental II desta escola?
2. Quais as maiores dificuldades que você, enquanto educador (a), encontra em sala de aula no que concerne ao processo de leitura e escrita?
3. Como você lida com a dificuldade de leitura e escrita dos alunos do 6º ano?
4. Quais os instrumentos didáticos que você utiliza para interferir na dificuldade de leitura dos alunos do 6º ano do ensino fundamental II?

5. Você desenvolve alguma atividade que vise aperfeiçoar o processo de leitura e escrita especificamente para os alunos do 6º ano? Quais?
6. Como você classifica a participação e envolvimento dos pais dos alunos do 6º ano? Justifique sua resposta.
7. Qual a visão dos alunos sobre seu próprio processo de leitura?

O questionário aplicado aos alunos constou das oito perguntas a seguir:

1. Você tem dificuldade de leitura e de escrita? Quais?
2. Caso positivo, porque você tem essa (s) dificuldade (s)?
3. Caso negativo, porque você não possui nenhuma dificuldade?
4. O que pode fazer você melhorar o processo de leitura e de escrita e, por consequência, sua aprendizagem?
5. O que seus professores fazem para melhorar sua leitura e sua escrita?
6. A escola como um todo, ajuda neste processo?
7. Sua família contribui para sua aprendizagem e incentivo à leitura e à escrita? De que maneira?
8. Como gostaria que o processo de leitura e escrita fosse trabalhado na escola? (Dê sugestões).

A partir dos dados obtidos através dos instrumentos já mencionados, aplicados diretamente com alunos pela professora e pesquisadora em sala de aula, foi possível a construção do *corpus* de análise, estudo e discussão dos resultados.

3 A PROBLEMÁTICA À LUZ DOS CONCEITOS EDUCACIONAIS SOBRE LEITURA E ESCRITA

A problemática da pesquisa está diretamente envolvida com os conceitos educacionais relacionados à leitura e escrita. Os conceitos de leitura e escrita, as dificuldades de leitura e escrita, as dificuldades de aprendizagem e as possíveis soluções que as abarcam, fazem-nos refletir sobre a problemática da pesquisa frente ao 6º ano da escola e os desafios da prática docente.

3.1 As hipóteses de pesquisa

Os problemas de leitura e escrita frente ao processo de ensino-aprendizagem dos alunos do 6º ano da escola pesquisa nos levaram a algumas percepções importantes que para reflexão. Essas reflexões norteiam nossa pesquisa no sentido de validar ou não sua veracidade:

- a) Cada vez mais os alunos da rede pública de ensino demonstram dificuldade de leitura e escrita no ensino fundamental II.
- b) Nos dias de hoje, os alunos do Ensino Fundamental apresentam problemas que afetam diretamente no desenvolvimento da leitura e da escrita, dentre eles distúrbios e dificuldades de aprendizagem, um alto grau de desmotivação, problemas familiares.
- c) O professor tem a função de transmitir conhecimento e criar cidadãos com a visão crítica e aprofundada da realidade. Porém se deparam com inúmeros obstáculos no ambiente escolar e na sociedade da qual ele faz parte, sendo até mesmo impedidos de trabalhar as dificuldades de leitura e escrita.

3.2 O problema de pesquisa

Tais pressupostos nos levaram ao problema central de nossa pesquisa: **Por que alunos do ensino fundamental II ainda apresentam problemas na leitura e na escrita?**

3.3 Diagnosticando as dificuldades de leitura e escrita do 6º ano da Escola Pedro Lins Vieira Melo

Os alunos do 6º ano do Ensino Fundamental II tem apresentado cada vez mais dificuldades nos processos de leitura e escrita, isto se deve ao fato de que eles, ao longo de sua aprendizagem, apresentam problemas, dentre eles: distúrbios e dificuldades de aprendizagem, um alto grau de desmotivação, fatores familiares e até mesmo o enfrentamento do Bullying pelos próprios colegas, afetando o processo de aprendizagem.

A aprendizagem é um meio de mudança de comportamento alcançado através da experiência construída por fatores emocionais, neurológicos, relacionais e ambientais. O aprender é resultado da relação entre estruturas mentais e o meio externo.

De acordo com a nova ênfase educacional, centrada na aprendizagem, o professor é co-autor do processo de aprendizagem dos alunos. Nesse enfoque centrado na aprendizagem, o conhecimento é construído e reconstruído continuamente.

Lozano e Rioboo (1998) expõem um conceito de aprendizagem que integra três aspectos: o primeiro é o de que a aprendizagem é um processo ativo, pois os alunos, necessariamente, têm que realizar uma série de atividades para que os conteúdos possam ser assimilados; o segundo menciona que a aprendizagem é um processo construtivo, porque as atividades que os alunos realizam têm como finalidade a construção do conhecimento, e, o terceiro aborda a aprendizagem como um processo significativo, pois o aluno deverá gerar estruturas cognitivas organizadas.

Os autores concebem, portanto, a aprendizagem como um processo de assimilação/adaptação de hábitos, conceitos, acontecimentos, procedimentos e atitudes,

valores e normas em que o sujeito adquire determinados esquemas cognitivo/mentais provenientes do meio a que pertence, através de sua própria estrutura cognitiva, com a finalidade de resolver tarefas e adaptar-se de forma ativa e construtiva.

Para os autores (1998, p. 48), as aprendizagens ocorrem em meio a cinco grandes áreas: “perceptiva/atencional, psicomotriz, lingüística, sócio/afetiva e a do pensamento lógico”. Consideram que é através dessas cinco áreas que são organizadas e estruturadas as aprendizagens básicas universais.

As últimas correspondem às funções superiores como linguagem, processos perceptivos, de atenção e de memória, raciocínio, psicomotricidade, pensamento lógico e desenvolvimento social, que têm um caráter universal, porque pode ser afirmado que todas as pessoas dependem da aquisição desses tipos de aprendizagens, independentemente da cultura a que pertencem. Por outro lado, deve-se pensar que também é necessário que ocorra o desenvolvimento das aprendizagens básicas instrumentais, que se referem a quatro grandes áreas: linguagem oral, leitura, escrita e matemática/cálculo.

Os distúrbios de aprendizagem acontecem quando crianças, com inteligência normal e sem desfavorecimento físico, emocional ou social, apresentam dificuldades de absorver matéria teórica. Porém, não são incapazes de aprender, mas sim apresentam uma forma de imaturidade que necessita de atenção e métodos de ensino específicos.

Ressaltam os autores que é importante ter em mente que esses distúrbios nunca devem ser confundidos com deficiência mental.

Moysés e Collares (1992) apontam os distúrbios ou as dificuldades de aprendizagem como implicados em alterações biológicas, orgânicas, individuais, envolvendo uma disfunção neurológica.

Considera-se que uma criança tenha distúrbio de aprendizagem quando não apresenta um desempenho compatível com a sua idade quando lhe são fornecidas experiências de aprendizagem apropriadas, quando apresenta disparidade entre seu desempenho e sua habilidade intelectual em diversos seguimentos ou apresenta um desempenho satisfatório e insatisfatório alternadamente na mesma atividade.

Para Moysés e Collares (1992) existem diversos distúrbios de aprendizagem, dentre eles: dislexia, disgrafia e discalculia. Os mais comuns no processo de aprendizagem de leitura-escrita são os dois primeiros.

A dislexia está ligada à falha no processamento da habilidade de leitura e da escrita durante seu desenvolvimento, é um atraso no desenvolvimento ou a redução em traduzir sons em símbolos gráficos e entendimento de materiais escritos.

A disgrafia é a falha no aprendizado da escrita acarretando a falta de habilidade ou diminuição no desenvolvimento da escrita, e a discalculia é a falha na aquisição da capacidade e na habilidade de manipular com conceitos e símbolos ligados à matemática.

As dificuldades de aprendizagem são um tipo de desordem em que um indivíduo apresenta dificuldades na aprendizagem. Essa desordem afeta diretamente a capacidade do cérebro em receber e processar informação e pode tornar problemático para um indivíduo o aprendizado tão rápido quanto o de outro, que não é afetado por ela.

García Sánchez (1998) diz que as dificuldades de aprendizagem afetam crianças, jovens e adultos e não constituem um único problema, mas um conglomerado de problemas heterogêneos de dificuldades não acadêmicas com uma base principal na linguagem (processos fonológicos, morfológicos, processamento verbal na memória, processos visuais e auditivos, etc.), e dificuldades acadêmicas na leitura, na escrita, no soletramento e na matemática. Menciona que essa condição é diferente do baixo rendimento produzido por outras causas, como os resultados de fatores ambientais; déficits sensoriais ou motores; dificuldades de atenção no controle dos impulsos ou hiperatividade; falta de motivação para aprender e outros transtornos do desenvolvimento.

Dockrell e McShane (1997) apreciam que as dificuldades de aprendizagem podem ser relativas a uma dificuldade específica, conforme ocorre quando uma criança tem problemas em alguma área particular como a leitura; ou pode tratar-se de uma dificuldade geral, como ocorre quando a aprendizagem é mais lenta que o normal em uma série de tarefas.

Para Prieto Sánchez (1998), quando alguns autores analisam as dificuldades de aprendizagem, referem-se aos déficits ou transtornos de tipo neurológico, incapacidades ou insuficiências que afetam direta ou negativamente o rendimento acadêmico.

Os estudos mais comuns da maioria dos autores, que tratam desse tema, avaliam a discrepância que existe entre o nível de rendimento do aluno e o seu desenvolvimento intelectual ou capacidade de raciocínio. Tal discrepância demonstra que determinados alunos não podem aprender com procedimentos e materiais que são comuns para outros e, portanto, necessitam de estratégias educativas de intervenção.

As dificuldades podem advir de vários fatores, dentre eles orgânicos ou mesmo emocionais, e é importante que sejam descobertas a fim de ajudar o desenvolvimento do processo educativo, percebendo se estão associadas a preguiça, cansaço, sono, tristeza, agitação, desordem, dentre outros, considerados fatores que também desmotivam o aprendiz.

A dificuldade mais conhecida e que vem tendo grande repercussão na atualidade e afeta diretamente alguns dos alunos da presente pesquisa é a dislexia, porém, é necessário estarmos atentos a outras dificuldades existentes como a disgrafia, dislalia, disortografia e o TDAH.

A disgrafia habitualmente é ligada à dislexia já que com problemas na leitura o aluno conseqüentemente apresenta dificuldades na escrita. Além disso, está associada a letras mal traçadas e ilegíveis, letras muito próximas e desorganização na produção do texto.

A dislalia é a dificuldade na emissão do falar. Acontece quando pessoas pronunciam inadequadamente palavras, com troca de fonemas e sons errados, tornando a fala totalmente confusa. Manifesta-se, na maioria dos casos, em pessoas com problemas no palato (ou céu da boca), flacidez na língua ou fenda palatina (abertura na região do lábio ou palato, ocasionada pelo não fechamento dessas estruturas).

A disortografia é a dificuldade na linguagem escrita e também pode decorrer da dislexia. A pessoa com essa dificuldade apresenta troca de grafemas, falta de motivação para escrever, junção ou separação exagerada das palavras e falta de compreensão e percepção dos sinais de pontuação e acentuação.

O transtorno de déficit de atenção (TDAH) é um problema de ordem neurológica, de causas genéticas, reconhecido por vários países e pela Organização Mundial de Saúde (OMS). Normalmente aparece na infância e traz consigo sinais claros de inquietude, falta de atenção, concentração e impulsividade. Às vezes, é chamado de distúrbio de déficit de atenção (DDA).

É necessário que se faça uma distinção entre os dois termos e acredita-se que as dificuldades de aprendizagem, apesar de se manifestarem no sujeito que aprende, não têm sua origem apenas nas características pessoais do aluno, envolvendo também fatores relacionados ao núcleo familiar, à escola e ao meio social. Dessa forma, os distúrbios referir-se-iam a alterações ou perturbações na aquisição do conhecimento,

cujas explicações encontrariam respostas na clínica e nos discursos médicos, uma vez que o problema seria visto como uma entidade nosológica, como uma “doença” ou uma “disfunção” (ALMEIDA, 1995).

As autoras concluem que o termo dificuldades de aprendizagem não pode ser entendido como distúrbio de aprendizagem. Comenta que o uso indiscriminado e bastante disseminado dos termos distúrbios, dificuldades, perturbações ou disfunções de aprendizagem leva, muitas vezes, a rotulações que não contribuem para a compreensão, prevenção e minimização dos problemas que podem ocorrer na relação ensino aprendizagem.

Em suma, os problemas de distúrbios de aprendizagem podem ter origem neurológica quando falamos de algo orgânico, que a pessoa nasceu com ele, ou seja, uma síndrome.

Enquanto as dificuldades tem origem pedagógica, falamos de uma falta de aproveitamento das habilidades cognitivas, ou seja, as ocorrências do corpo e mente em não compreender o que se está estudando ou buscando.

Segundo Veiga (1996), a falta de motivação dos alunos também constitui um grande problema para os professores no que concernem ao fator de aprendizagem. Pesquisas mostram que os alunos chegam às escolas cada vez mais desmotivados, o que gera a repetência e muitas vezes a evasão escolar.

Segundo Zenti (2000), são muitos os problemas causados pela desmotivação, porém, o professor, com sensibilidade e energia, talvez consiga enfrentar o desafio.

De acordo com Torre (1999), na maioria dos encontros de professores, a queixa presente é com relação ao desinteresse dos alunos em querer aprender. No entanto, o autor acredita que esse fato afeta diretamente professores e alunos em função das áreas de estudo, dos níveis do sistema educacional e das características socioculturais de quem aprende, entre outras.

Para Bock, Furtado e Teixeira (2002), para acontecer a motivação é necessário considerar os três tipos de variáveis: o ambiente (familiar, escolar e o meio social); as forças internas ao indivíduo (necessidade, desejo, vontade, interesse, impulso e instinto) e o objeto que atrai o indivíduo por ser fonte de satisfação da força interna que o mobiliza.

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), Lei 9.394/96 afirma que "a educação, dever da família e do Estado, inspirada nos princípios de liberdade e

nos ideais de solidariedade humana, tem por finalidade o pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho”. (LDB/1996. art. 2º).

Vários fatores familiares podem contribuir para os transtornos de aquisição de competências, afetando as diversas dificuldades de aprendizagem. Questões agravantes ao ambiente familiar contribuem para as dificuldades na aquisição do conhecimento: o alcoolismo, as ausências prolongadas, as enfermidades, a violência doméstica, o falecimento de pais ou entes queridos e a separação conjugal, fatores que trazem desajustamentos dependendo do grau de maturidade da criança/adolescente.

Muitos pais afirmam que os filhos são totalmente responsáveis pelo problema de aquisição de conhecimento, pois acreditam que eles não tenham interesse pelos conteúdos escolares, são preguiçosos para realizar as tarefas, são distraídos, menosprezam os esforços que os pais fizeram e fazem por ele e são “mal-educados”. Porém, a idéia de princípios, valores, respeito, formação de caráter, de ética, de educar e preparar para os desafios da vida deve vir de casa, é da família. Essa é a célula-mãe da sociedade, é a partir desta importante instituição que acontece o amparo das pessoas queridas e o desenvolvimento saudável desse novo ser que veio ao mundo. E é advinda deste cuidado e amparo que a criança ganha confiança sentindo-se assim valorizada, assistida e segura.

Pereira e colaboradores (2005) ressaltam que é difícil para os pais perceberem a influência que exercem no comportamento dos filhos. Eles expressam como gostariam que os filhos se comportassem, mas não atentam para as conseqüências que fornecem a eles quando agem de maneira adequada e inadequada.

Esse pensamento citado anteriormente dos pais faz com que as crianças se responsabilizem por algo que não compete somente a elas, prejudicando diretamente sua autoestima e acarretando reações emocionais de tristeza, irritabilidade, cansaço e claro desinteresse pelo estudo e conseqüentemente a falta de prática da leitura e escrita.

Vale ressaltar que no ambiente escolar, os pais daquelas crianças que estão em fracasso, que não tem o mínimo domínio da leitura e escrita ou de cálculos básicos, raramente aparecem na escola se mostrando interessados pela vida escolar do filho. Famílias estas que desconhecem o que está sendo aplicado para seus filhos em sala de aula. Contudo, quando os pais são cobrados pela responsabilidade que lhes é atribuída, transferem-na para o professor, mas sequer conhecem a agenda do filho.

A criança com esse perfil de família passa a não ter uma supervisão adequada em seus estudos e como consequência, fica desmotivada e sozinha, passa a não ter estímulos, pois somente tem a escola tentando fazer o seu trabalho e assim, a criança não se desenvolve.

Outro problema tão importante quanto os outros já citados e que afeta diretamente na aprendizagem da leitura escrita dos alunos é o *Bullying*. Quanto ao significado, de acordo com o dicionário Oxford (2010) deriva do inglês *bully* que apresenta duas definições: como substantivo e como verbo. Como substantivo o termo *bully* significa agressor e como verbo significa intimidar, ficando seu derivado *bullying* definido como comportamento agressivo. Além do mais, podem ainda ser encontradas outras definições para o termo *bully*, como: valentão, brigão, brutal, tirano, insolente e também verbos como: maltratar e ameaçar.

Segundo a pesquisadora e educadora Fante (2005), o termo tem sido adotado em muitos países para definir o desejo consciente e deliberado de maltratar outra pessoa colocando-a sob tensão. Pode-se dizer que o termo se refere a todo tipo de comportamento intencional agressivo, cruel, e repetitivo, inerente às relações interpessoais, incluindo as relações entre escolares. Nos contextos em que esses comportamentos ocorrem, qualquer característica que não esteja de acordo com os padrões arbitrários de quem pratica o *bullying* pode se transformar em “motivo” de perseguição àquele que a possui.

De acordo com Tiba (2006), com frequência o aluno indefeso possui distúrbios (ou diferenças) de comportamento: isolamento, choro fácil, dificuldade em reagir á provocações, maneirismos, deficiências ou anormalidades físicas, auditivas, visuais e de fala.

Olweus (1993) define duas maneiras como o *bullying* pode ocorrer: a direta e a indireta. O, direto, envolve ataques de um estudante contra outro, incluindo palavras, gestos, expressões faciais e contato físico. O, indireto, implica a exclusão da vítima de seu grupo de pares, fazendo com que tenha problemas para fazer novos amigos em sua sala de aula. Porém ele lembra que há uma clara associação entre as duas maneiras, pois os alunos que sofrem *bullying* com frequência geralmente são isolados e rejeitados entre seus pares.

De acordo com Silva (2010), as consequências do *bullying* escolar são as mais variadas possíveis e dependem muito de cada indivíduo, da sua estrutura, de suas

vivências, da predisposição genética, da forma e da intensidade das agressões. No entanto, o *bullying* causa sofrimento a todas as vítimas, em maior ou menor proporção. Muitas delas levarão marcas profundas provenientes das agressões para a vida adulta, e necessitarão de apoio psicológico e/ou psiquiátrico para superá-las.

3.4 Os desafios da prática docente

Refletindo sobre o que foi exposto, concordamos com Aquino (2007) quando diz que o professor será aquele que vai passar segurança e motivar a investigação dos problemas de aprendizagem, ou seja, ele terá a função de orientar a investigação, colocar questões para que ela progrida, auxiliando com o fornecimento de fontes e informações, assim como colocar desafio para que o aluno perceba as diferentes perspectivas possíveis do seu problema de aprendizagem. Portanto, o professor tem uma missão nobre que é levar conhecimento, dirigir as inteligências jovens e preparar os cidadãos conscientes.

Formar cidadão consciente significa saber o que mundo é, e como ele se define e funciona, de modo “a reconhecer o lugar de cada país no conjunto do planeta e de cada pessoa no conjunto da sociedade humana, capazes de atuar no presente e de ajudar a construir o futuro” (SANTOS, 1997, p. 17).

Esse mesmo profissional que tem a função de transmitir conhecimento e criar cidadãos com a visão crítica e aprofundada da realidade enfrenta obstáculos tanto no ambiente escolar como na sociedade da qual ele faz parte.

Dentre tantos desafios destacamos aqueles que se mostram mais presentes nas queixas do profissional da educação básica. São eles: o baixo valor de seu salário que além de ser uma grande evidência da desvalorização dessa atividade obriga o professor a dobrar sua jornada de trabalho para se sustentar, impossibilitando-o de se dedicar mais à sua prática e ascender profissionalmente; descrédito na sua capacidade profissional e falta de incentivo para continuar sua qualificação; falta de formação continuada e incentivos à pesquisa; despreparo em lidar com a indisciplina dos alunos que, somada

aos limites impostos pela direção e a ausência da família no processo educativo, dificulta a realização do trabalho docente na sala de aula.

O baixo valor da remuneração dos docentes obriga-os a procurar outras fontes de renda ou até mesmo a abandonar a profissão. Esta atividade que antes era vista apenas como uma ocupação fora de casa para as mulheres ou como um “bico”, hoje é, na maioria dos casos, a principal fonte de renda para o sustento desses profissionais. Fontana (2005), juntamente com um grupo de educadoras pesquisado por ela, em seu livro “Como nos tornamos professoras?”, trata do fato de os professores, muitas vezes, precisarem dobrar sua jornada diária de trabalho para conseguirem manter o sustento da família e não passarem por mais dificuldades.

Nossos depauperados salários provocaram, em alguns momentos, lamentos em torno do fato de muitas de nós sermos obrigadas a “dobrar”, assumindo oito horas de trabalho diárias na escola (como o faziam duas professoras do grupo), ou mais outras quatro ou seis horas em casa, acompanhando crianças que, por algum motivo, não estavam dando conta, sozinhas, das atividades que a escola propunha e/ou impunha a elas.

Não obstante, há casos em que o valor que o professor recebe por seu trabalho não é compatível com sua capacidade profissional. Por exemplo, alguns deles gastam o que não têm ou o que não podem, fazendo grandes sacrifícios para cursarem uma especialização, mestrado até mesmo doutorado, contudo seu salário não reflete seu esforço. Além disso, os professores que estão sempre se atualizando e se capacitando, principalmente na educação infantil e no ensino fundamental, ainda têm que concorrer com aqueles que não possuem capacitação alguma na área da educação. O que demonstra o desrespeito para com aqueles que se dedicam e se preparam muito para exercer sua prática.

Os professores que atuam nas séries iniciais do Ensino Fundamental, muitas vezes, enfrentam um desafio que surge tanto no ambiente escolar como também na sociedade. Esse desafio é o descrédito que se tem de sua capacidade como profissional juntamente com a falta de incentivo para que eles consigam de algum modo reverter essa situação.

O que ocorre na verdade é que os docentes estão buscando cada vez mais prosseguir com sua qualificação, mas não recebem incentivos tanto por parte das instituições nas quais trabalham como por parte de familiares e amigos. O interesse por

se especializar através dos cursos de pós-graduação é visto como algo desnecessário para um professor que atua nesse nível, pelo motivo citado anteriormente: eles não precisariam saber muito, por isso, esse interesse supõe uma vontade de mudar de cargo.

Além disso, como Fontana (2005) destaca, nessa profissão a promoção funcional presume o abandono da atividade em sala de aula uma vez que o educador passaria a atuar na área administrativa como direção, coordenação, supervisão ou orientação pedagógica, alternativa assumida, em muitos casos, por motivos financeiros.

Brzezinski (2002, p. 14) relata que “em nosso país, é prática corrente o saber dos professores não ser respeitado. Muitos dão opinião sobre sua área de conhecimento e, mais, sentem-se em condições de exercer a profissão sem ter a formação específica.”

Frequentemente, encontramos casos em que salas de aula são assumidas por alguém que tem a “manha” de entreter a turma durante as aulas, mas não dispõe de uma base para sua prática e está alheio às especialidades que constituem a prática pedagógica. Esta é realmente uma demonstração de desrespeito para com os saberes docentes, o professor e os educandos, pois assim se está subestimando e tentando substituir um profissional cuja responsabilidade “de que às vezes não nos damos conta, é sempre grande” (FREIRE, 2007, p.65).

Uma dificuldade com a qual os professores se deparam dentro em sala de aula é o comportamento dos alunos que, em muitos casos, desestimula o interesse e vontade que ele tem de se dedicar cada vez mais a sua prática profissional. Quando o professor não sabe lidar com a turma e manter a situação sob controle, a indisciplina dos alunos acaba se tornando mais um obstáculo para que ele consiga por em prática todas as suas atividades planejadas. Este problema, juntamente com os limites impostos pela direção, abordados anteriormente, impedem que o professor desenvolva novos projetos e utilize mais sua criatividade ao desempenhar sua prática.

Outro aspecto da sociedade contemporânea que é apontado por Nérici (1994) como um dos agravantes da má conduta dos jovens é o fato de a família estar se ausentando cada vez mais do processo de aprendizagem de suas crianças. Segundo ele, “A família [...] está, aos poucos, transferindo para outras instituições, notadamente a escola, a responsabilidade de educar seus filhos.” (p. 554) A necessidade de trabalhar fora de casa, os compromissos sociais, as tarefas extras e o corre-corre do dia-a-dia impedem que os pais tenham tempo para educar seus filhos em casa e acompanhar seu desenvolvimento na escola.

Cabe ao professor criar a oportunidade para que o aluno desenvolva suas habilidades por iniciativa própria, manter-se como observador da espontaneidade da criança permitindo que ela liberte sua capacidade e imaginação, mas intervindo imediatamente no momento em que for preciso seu auxílio ou seu poder normativo para restabelecer “o necessário clima para continuar sua atividade específica e com a qual restaura o direito dos estudantes e o seu de prosseguir a prática docente” (FREIRE, 2007, p. 104).

Além disso, deve-se incentivar a participação da família nesse processo cujos ensinamentos, apoio e exemplo servem de base para a constituição da personalidade da criança. O professor também deve trabalhar de forma contextualizada com a realidade sem deixar de acompanhar os avanços tecnológicos e científicos de nossos dias. Desse modo ele pode orientar seus alunos como lidar com esse bombardeio de informações que os atinge e como fazer uso delas de forma benéfica para o seu próprio desenvolvimento.

O educador tem preocupação com a formação e muitos deles são capazes de fazer coisas novas, com um ensino dinâmico, atual e criativo, fazendo com que os alunos percebam como o conhecimento é útil para sua vida. Logo, os métodos utilizados pelos professores de hoje são bastante variados e requeem o emprego de método de ensino que superem a simples transmissão de informação e que se assente em alternativas para mobilizar o intelecto do aluno, fazendo com que ele se pergunte e não apenas espere resposta (CALLAI, 2003, p.23).

É importante que o professor procure criar em sua sala de aula um circuito de leitura: lendo, contando histórias, estimulando a troca de livros, reservando um tempo para ler em classe, trazendo resenhas de livros infantis, abrindo espaço para a escolha, pelo aluno, do que ele quer ler, propondo textos correlacionados aos interesses do grupo, criando um cantinho de leitura em cada sala de aula, incrementando a biblioteca da escola por meio de eventos como exposição de livros, palestra com autores, leitura, dramatização de livros, saindo para conhecer e pesquisar em bibliotecas públicas e outras atividades ligadas ao interesse da leitura.

Enfim, criar ofertas múltiplas e instigantes, proporcionando, desse modo, uma imersão no mundo da leitura e oferecendo condições para que ela se torne, efetivamente, uma prática interdisciplinar e intertextual é passo essencial e significativo para a formação de um novo tipo de leitor.

4 DIFICULDADES DE LEITURA E ESCRITA NO ENSINO FUNDAMENTAL II

Iremos tratar as dificuldades de leitura e escrita no ensino fundamental II em 3 tópicos: conceitos e discussões sobre leitura e escrita, conquistando a leitura e descobrindo a escrita e as ações de incentivo à leitura e à escrita no ensino fundamental II.

4.1 Conceitos e discussões sobre leitura e escrita

Ler é uma ação muito rica e extremamente complexa, que envolve conhecimentos fonéticos, semânticos, culturais e ideológicos. Pode ser um processo de descoberta, uma tarefa instigadora, ou mesmo um simples passa tempo. Contudo, será uma atividade para adquirir conhecimentos sempre, de reflexão. Mais que desmistificar as letras, a leitura é uma atividade em que leitura e escrita interagem entre si, obedecendo a objetivos e necessidades predeterminados.

Ler, segundo Paulo Freire, não é caminhar sobre as letras, mas interpretar o mundo e poder lançar sua palavra sobre ele, interferir no mundo pela ação.

A leitura sempre irá depender do que a pessoa já sabe, das experiências adquiridas ao longo da sua vida. Qualquer atividade – inclusive a da leitura – se desenvolve na convivência com o próprio mundo. Um indivíduo aprende a ler quando relaciona o que lê com seu conhecimento de mundo, ou seja, com as experiências que traz em sua “bagagem”. Assim, cada pessoa terá uma leitura particular de um mesmo texto, dependendo do seu conhecimento prévio. Cabe ao professor guiar o aluno e encorajá-lo a usar todo o seu conhecimento prévio para que possa participar ativamente do processo de leitura, utilizando seus procedimentos de interpretação de modo a interagir com o texto, em busca do seu significado (DEL RIO, 2014, p.1).

Segundo Kato (1987), a escrita é uma atividade de comunicação verbal e, como tal, passível de ser analisada sob o mesmo tratamento funcionalista dado aos estudos da

fala, mas o fato é que a escrita está presente em todos os momentos de nossas vidas, quando andamos na rua, no metrô, no trem, no carro...

Para a autora, no decorrer dos anos, os homens sentiram a necessidade de registrar, marcar as informações e construíram progressivamente meios de representação. Desenvolvida também para guardar os registros de contas, guardar quantidades de produtos e trocas comerciais, a escrita tornou-se um instrumento de valor incalculável para a troca de idéias e informações. Foi na Antiga Mesopotâmia, há 6 mil anos, que se desenvolveu a escrita ideográfica (sistema de escrita que se manifesta através de "ideogramas": símbolo gráfico ou desenho), um dos inventos na progressão até a escrita alfabética, agora usada mundialmente.

De acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais (1997, p. 73),

Leitura e escrita são práticas complementares fortemente relacionadas, que se modificam mutuamente no processo de letramento – a escrita transforma a fala (a construção da “fala letrada”) e a fala influencia a escrita (o aparecimento de “traços de oralidade” nos textos escritos). São práticas que permitem ao aluno constituir seu conhecimento sobre os diferentes gêneros, sobre os procedimentos mais adequados para lê-los e escrevê-los e sobre as circunstâncias de uso da escrita. A relação que se estabelece entre leitura e escrita, entre o papel de leitor e de escritor, no entanto, não é mecânica: alguém que lê muito é automaticamente, alguém que escreve bem. Pode-se dizer que existe uma grande possibilidade de que assim seja. É nesse contexto considerado que o ensino deve ter como meta formar leitores que sejam também capazes de produzir textos coerentes, coesos, adequados e ortograficamente escritos – que a relação entre essas atividades deve ser compreendida.

4.2 Conquistando a leitura, descobrindo a escrita

Ainda na Antiguidade deu-se importância ao aprendizado da leitura e da escrita, quando grandes civilizações como a helênica e a romana se tornaram modelo

introduzindo sua juventude na aprendizagem das primeiras letras e assim, expandindo essa atividade educacional, deixando a responsabilidade de alfabetizar a um órgão educacional – a escola. Antes do século XVII as instituições de ensinar a ler e a escrever se expandiram de um modo paulatino e irreversível, alcançando aos poucos todas as áreas da sociedade. Isto levou alguns autores como Magnani (1989, p.35) a escrever que “para ler e escrever é preciso, antes de mais nada, ser alfabetizado, tarefa que, em nossa sociedade, cabe historicamente à escola”.

A leitura é importante em todos os níveis educacionais. Portanto, deve ser iniciada no período da alfabetização e continuar nos diferentes graus de ensino. Ela constitui-se numa forma de interação das pessoas de qualquer área do conhecimento, está intimamente ligada ao sucesso do ser que aprende. Permite ao homem situar-se com os outros, possibilita a aquisição de diferentes pontos de vista e alargamento de experiências. “Leitura não é um ato solitário; é interação verbal entre os indivíduos”. (ORLANDI, 2005, p. 18).

Segundo Kramer (2003, p. 66),

o que faz de uma escrita uma experiência é o fato de que tanto quem escreve quanto quem lê enraízam-se numa corrente, constituindo-se com ela, aprendendo com o ato mesmo de escrever ou com a escrita do outro, formando-se. (...) A leitura e a escrita podem, à medida que se configuram como experiência, desempenhar importante papel na formação.

É preciso oferecer aos alunos a oportunidade de leitura, de forma convidativa e prazerosa. É nesse sentido que o incentivo à leitura desempenha um importante papel, isto é, conduzir os alunos ao desconhecido, ao um mundo novo de informações e, na escola, cabe ao professor incentivar os alunos a desenvolver o gosto pela leitura, apresentando para os alunos diversos livros, fazendo com que sejam capazes de ler textos diversificados, bem como fazer leituras em lugares diferentes, assim, desenvolvendo atividades para criar condições excelentes de ambiente de leitura. E com isso, possibilitando aos alunos adquirirem mais conhecimentos, para que possam desenvolver uma escrita com muito mais informação.

Ter acesso à boa leitura é dispor de uma informação cultural que alimenta a imaginação e desperta o prazer pela leitura, possibilitando que se tenha a leitura como um hábito que faz parte do cotidiano, dessa forma, fazendo com que sempre se mantenha os conhecimentos atualizados.

Atribui-se à leitura um valor positivo absoluto: ela traria benefícios óbvios e indiscutíveis ao indivíduo e à sociedade – forma de lazer e de prazer, de aquisição de conhecimentos e de enriquecimento cultural, de ampliação das condições de convívio social e de interação (ORLANDI, 2005, p. 19).

Dessa forma, a biblioteca escolar acaba se tornando um recurso indispensável para o desenvolvimento do processo ensino-aprendizagem e formação do educando. As atividades desenvolvidas na biblioteca escolar devem promover a motivação e despertar a curiosidade e o interesse dos estudantes pela leitura. Para que isso aconteça na biblioteca escolar, é necessário que estejam à disposição de todos os alunos, textos dos mais variados gêneros (sempre respeitando seus portadores): livros de contos, romances, poesia, enciclopédias, dicionários, jornais, revistas, livros de consulta das diversas áreas do conhecimento, entre outros.

Para Lourenço Filho (1946, p. 4)

ensino e biblioteca não se excluem, completam-se. Uma escola sem biblioteca é instrumento imperfeito. A biblioteca sem ensino, ou seja, sem tentativa de estimular, coordenar e organizar a leitura, será, por seu lado, instrumento vago e incerto.

4.3 Ações de incentivo à leitura e à escrita no Ensino Fundamental II

De acordo com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Brasileira, nº 9.394 de 20/12/96 – nova LDB, o Ensino Fundamental tem por objetivo a formação básica do cidadão mediante “o desenvolvimento da capacidade de aprender, tendo como meios básicos o pleno domínio da leitura, da escrita e do cálculo” (Art. 32, I).

É dever da escola ensinar, isto é, garantir a aprendizagem de várias habilidades e conteúdos que são extremamente necessários para a vida em sociedade. Então, as crianças e adolescentes não podem ser lidadas apenas como cidadãos em formação, mas é preciso que a entidade escolar traga para dentro de seu espaço a realidade do mundo, do qual esses jovens e seus professores façam parte. Entretanto, evadem-se da escola os que infelizmente não conseguem aprender, excluem-se do trabalho os que não têm

capacidade técnica porque antes não aprenderam a ler, escrever e contar, e excluem-se, finalmente, do exercício da cidadania esses jovens.

Kleiman (2000, p. 107) apresenta três concepções que a escola tem de leitura:

- A leitura como decodificação, na qual as atividades se restringem ao reconhecimento de palavras idênticas no texto, nas perguntas ou comentários;
- A leitura como avaliação, em que essa deve ser feita em voz alta para verificar se a pontuação e a pronúncia estão corretas ou por meio de resumos, relatórios, preenchimento de fichas;
- A interação numa concepção autoritária de leitura, que pressupõe existir somente um meio de abordar o texto, e uma interpretação a ser dada.

Ainda segundo Kleiman (2000), essa prática tem desmotivado o interesse do aluno pela leitura, pois os deixa inibidos, principalmente se for feita em voz alta, avaliando-se também o domínio da língua padrão. Com isso, o aluno fica ressentido e acaba perdendo o gosto pelo ato de ler. Portanto, ele compreende que a leitura é uma atividade, pela qual serão e não como um exercício que deveria proporcionar prazer, conhecimento e proporcionar a construção de um pensamento crítico.

Concordando com esta asserção, Suassuna (1995) afirma que

[...] quando o aluno (ler) sem prazer, sem o exercício da crítica, sem imaginação, quando não faz da leitura uma descoberta, um ato de conhecimento, quando somente reproduz, nos exercícios a palavra lida do outro, conseqüentemente não poderá intervir sobre aquilo que historicamente está posto. Portanto, deve-se formar leitores capazes de ler criticamente, aptos para interferir na realidade em que estão inseridos.

Kleiman (2000) propõe o seguinte critério para a solução desse impasse que seria de passar para o aluno uma quantidade maior de atividades em torno dos textos que já foram lidos por eles, a fim de que o mesmo desenvolva seus conhecimentos com as informações que obteve com a leitura dos textos e relacionar com o conhecimento prévio de mundo.

Segundo essa prática, Kleiman (2000, p. 24) afirma que

a prática de sala de aula, não apenas da aula de leitura, não propicia a interação entre professor e aluno. Em vez de um discurso que é construído conjuntamente por professores e alunos, temos primeiro uma leitura silenciosa ou em voz alto do texto, e depois, uma série de pontos a serem discutidos, por meio de perguntas sobre o texto,

que não leva em conta se o aluno de fato o compreendeu. Trata-se, na maioria dos casos, de um monólogo do professor para os alunos escutarem. Nesse monólogo o professor tipicamente transmite para os alunos uma versão, que passa ser a versão autorizada do texto.

5 RESULTADOS DA PESQUISA

Lembramos que quanto à natureza da pesquisa, consideramo-la qualitativa, descritiva, e bibliográfica. Seu universo de abrangência foi a Escola Estadual Pedro Lins Vieira de Melo, localizada na cidade de João Pessoa, Paraíba, que oferecem as modalidades de Ensino Fundamental I e II. Teve como população/amostra professores do Ensino do 6º ano do ensino fundamental II e alunos desse ano já citado.

A coleta de dados foi feita primeiramente através de pesquisa bibliográfica. Posteriormente foram aplicados questionários com a população/amostra, envolvendo temas de professores e alunos, envolvendo temas de atividades relacionadas de interpretação de textos de diversos gêneros textuais, a leitura e a escrita.

A aplicação das atividades com os alunos foi de forma clara e mais objetiva possível. Foi preparada a sala de aula de forma circular para que dessa forma eles ficassem confortáveis e facilitasse a discussão, saindo assim da dinâmica do dia a dia deles em sala de aula. A saída da rotina leva os estudantes a ver algo de forma diferente, ou seja, sentindo-se bem por em capazes de realizar de outra forma aquilo que fazem todos os dias.

O tratamento de dados foi feito através de análise de conteúdo resultante da coleta de dados. Assim, resultam três análises, separadas através de tópicos: questionário aplicado aos professores, questionário aplicado aos alunos e atividades e alguns desses tópicos subdivididos em blocos.

5.1 Questionário aplicado aos professores.

Constituímos as respostas aos questionários por blocos:

Bloco 1: Como você classifica o processo de leitura e escrita dos alunos do 6º ano do ensino fundamental II desta escola?

P1: “Abaixo do esperado para o nível de ensino e para a idade”.

P2: “É um processo que envolve adolescentes que vem com alguns atrasos ou déficits na alfabetização”.

P3: “Considero deficitário. Poucos sabem decodificar textos escritos, primeiro plano do processo de letramento. Nem sempre escrevem de maneira correta, ou seja, conforme a ortografia vigente e poucos sabem separar as palavras em sílabas”.

P4: “Um pouco de dificuldade alguns tem, pois acho que a base para esse processo tem que partir desde da 1ª série de ensino fundamental I, se não for bem feito vai carregar esse dificuldade até nos bancos das universidades”.

P5: “Péssimo, os alunos vem com uma dificuldade muito grande, é muito difícil pois a leitura é de fundamental importância para a minha matéria”.

P6: “Leitura fraca e a escrita muito ruim. Mesmo copiando do quadro os alunos não escrevem corretamente”.

P7: “Classifico com deficitário, assim como a grande maioria das escolas publicas do Brasil”.

Na resposta da pergunta sobre a classificação do processo de leitura e escrita dos alunos do 6º ano do ensino fundamental II, os professores na sua totalidade classificaram como deficitária, como abaixo do nível ideal para um aluno do 6º ano. Relatando até que alguns desses estudantes têm tanta dificuldade de ler e escrever que mesmo copiando do quadro os alunos não escrevem corretamente.

Bloco 2: Quais as maiores dificuldades que você, enquanto educador (a), encontra em sala de aula no que concerne ao processo de leitura e escrita?

P1: “A falta de hábito de ler, pois, a maioria é filha de pessoas com poucos anos de estudo e a dificuldade em interpretar, ou seja, os alunos são alfabetizados, mas não são ‘letrados’”.

P2: “Conseguir progredir rumo à leitura mais critica com adolescentes que ainda têm dificuldades no nível da decodificação dos códigos de leitura”.

P3: “Hoje, sem dúvidas, a indisciplina e a interferência dos eletrônicos.

P4: “Quando vou corrigir as atividades, encontro dificuldade em entender as respostas. Na leitura alguns alunos não tem uma boa leitura”.

P5: “Desde a leitura a interpretação de texto, falta de entendimento do processo ortográfico”.

P6: “Leitura sem compreensão. Eles lêem, mas não compreende o texto ou os questionamentos. Não sabem interpretar, analisar textos, mesmo simples”.

P7: “O conhecimento lingüístico é extremamente deficiente, atrapalhando uma boa interpretação textual. A escrita é consequência de uma boa leitura. A escrita aparece com desvios gramaticais sérios. A leitura de textos mais interessantes nos livros didáticos poderiam contribuir para o incentivo à leitura”.

Na resposta da pergunta sobre as dificuldades encontradas pelo educador em sala de aula no que concerne ao processo de leitura e escrita, a maior delas é a falta de prática e de interesse. Foi apontada também a interferência de eletrônicos no processo de aprendizagem, a indisciplina, falta de entendimento básico da ortografia e a leitura sem compreensão.

Bloco 3: Como você lida com a dificuldade de leitura e escrita dos alunos do 6º ano?

P1: “Geralmente costumo fazer uma avaliação no início do ano com questões de interpretação de texto baseadas na prova Brasil. No decorrer do ano, faço atividades de leitura (oral, em voz alta) e de interpretação de textos relacionados ao assunto. Incluo nessas atividades textos não verbais”.

P2: “Tento adequar o nível de exigência ao público alvo. Procurando estabelecer um equilíbrio dentro da heterogeneidade encontrada”.

P3: “Orientando as práticas de leitura e interpretação de textos em sala de aula e acompanhando individualmente cada aluno em suas tarefas escritas.”

P4: “Procura ajudá-lo a medida do possível, incentivando a eles a se aperfeiçoar mais nessa leitura e também na escrita”.

P5: “Eu gosto muito de passar leitura em sala como para casa também, copiar no quadro”.

P 6: “Solicito que leiam, corrijo a leitura e a escrita. Chamo atenção quando percebo que a grande maioria erra a mesma palavra de forma geral, no quadro”.

P7: “Na resposta da pergunta sobre como lidar com a dificuldade de leitura e escrita dos alunos do 6º ano, foi apontado pelo professores o acompanhamento direto com o aluno, identificando e corrigindo individualmente os erros. Eles também passam atividades de leitura e interpretação de textos, procuram fazer com que o aluno pratique sua escrita, copiando exercícios e o próprio assunto do quadro e um deles até faz uma avaliação no início do ano com questões de interpretação de texto baseadas na Prova Brasil”.

Bloco 4: Quais os instrumentos didáticos que você utiliza para interferir na dificuldade de leitura dos alunos do 6º ano do ensino fundamental II?

P1: “Como já respondi na questão anterior, tento realizar atividades de interpretação de texto, mas, infelizmente, não consigo acompanhar de perto aqueles que tem mais dificuldades, algumas vezes converso com a professora de Língua Portuguesa e, quando não há progresso, procuro reter o aluno na série/ano”.

P2: “Apenas leituras, atividades e discussões de interpretação e de produção textual.

Professor 3: Dicionários, DVDs, paradidáticos e letras de canções.”

P4: “Leitura de textos, produção de textos. Incentivo ao aluno lê pelo menos três livros durante o ano”.

P5: “Eu utilizo até a caligrafia, dependendo da dificuldade do aluno, corrijo as atividades e mando refazer novamente”.

P6: “Para os alunos do fundamental II não vejo material didático, além de livro, quadro e lápis piloto”.

P7: “Aulas de vídeos sobre a temática abordada nos textos. Leitura dramatizada de peças teatrais. Exercícios de interpretação”.

Na resposta da pergunta sobre os instrumentos didáticos que são utilizados para interferir na dificuldade de leitura dos alunos do 6º ano do ensino fundamental II, os professores apontaram diversos, dentre eles a realização de atividades de leitura, interpretação e escrita; utilização de dicionários, DVDs, paradidáticos e letra de canções

em sala de aula; utilização de caligrafia durante a aula; aulas de vídeo e dramatização de peças teatrais. Portanto, para os professores muitos materiais de incentivo são utilizados para trabalhar a dificuldade de leitura e de escrita.

Nosso questionamento, então, perpassa: se há incentivos diferenciados, qual o motivo da desmotivação dos alunos? Ou, porque, mesmo assim eles permanecem com problemas na leitura e na escrita?

Bloco 5: Você desenvolve alguma atividade que vise aperfeiçoar o processo de leitura e escrita especificamente para os alunos do 6º ano? Quais?

P1: “Sim. As atividades relatadas na questão 3”.

P2: “As atividades desenvolvidas são de leitura e interpretação, sempre procurando fazer com que eles desenvolvam uma visão crítica dentro desse processo”.

P 3: “Produções textuais com roteiro pré-definido e, algumas vezes, reescrituras a partir das correções”.

P4: “Sim. Cópias e leitura de texto”.

P5: “Especificamente não, só atividade apoio”.

P6: “Não. Até tenho um projeto iniciado com fábulas, mas são tantas dificuldades e falta de material que fiquei desestimulada”.

P7: “Sim. Leitura de livro paradidáticos que apresentam uma linguagem simples, de modo a despertar nos alunos o gosto pela leitura”.

Essa pergunta questiona os professores pelo desenvolvimento de alguma atividade que vise aperfeiçoar o processo de leitura e escrita especificamente para os alunos do 6º ano, na maioria das respostas foi relatado que não. Eles afirmam desenvolvem atividades que visam a melhora da leitura e escrita desses alunos, porém não especificadamente só para alunos do 6º ano.

Os que responderam que sim, relatam que fazem cópias e leitura de textos e que disponibilizam paradidáticos aos alunos para que despertem neles o gosto e habito para leitura. Ao nosso olhar, aqui está a contradição: de que adianta utilizar recursos educacionais diferenciados se as atividades propostas com o seu uso se dá de forma tradicional e desinteressante?

Bloco 6: Como você classifica a participação e envolvimento dos pais dos alunos do 6º ano? Justifique sua resposta.

P1: “No geral, os pais só vêm a escola quando são convocados para resolver problema relacionado ao filho. Todos os anos tenho alunos cujos pais eu não conheço”.

P2: “Alguns participam e envolvem-se no processo de aprendizado do filho, outros não, pois acham que como “o filho está crescendo” eles não precisam envolver-se tanto.”

P3: “Parcial. Alguns alunos se dedicam, prestando atenção e fazendo as atividades solicitadas, enquanto outros são totalmente desmotivados e sem participação”.

P4: “Classifico regular. Pois a presença de alguns pais nessa participação na escola, deixa muito a desejar”.

P5: “Infelizmente péssimo, pois ao poucos que se preocupam em acompanhar o desenvolvimento de seu filho quando são chamados na escola poucos comparecem”.

P6: “Os pais participam pouco do desempenho dos filhos na escola. Não acompanham as tarefas em casa”.

P7: “Ainda na tive muito contato com os pais, percebo que o envolvimento dos mesmo com a formação dos filhos deixa muito a desejar”.

Em relação à participação e envolvimento dos pais dos alunos, foram relatados pelos professores, quase na sua totalidade, que falta e muito empenho por parte dos pais no processo de aprendizagem dos seus filhos. Quando aparecem, é apenas para resolver problemas disciplinares do filho. O professor 2 apontou que alguns acham que com o crescimento do filho, a necessidade dos pais de acompanhá-los nos estudos diminui.

O que podemos concluir dessas respostas é que a participação dos pais ainda é insuficiente no processo de ensino-aprendizagens de seus filhos. Independente da série em que seus filhos estejam, o envolvimento dos pais e da família de maneira geral contribui para o equilíbrio na aprendizagem dos alunos.

Bloco 7: Qual a visão dos alunos sobre seu próprio processo de leitura?

P1: “Eles ainda relacionam a leitura apenas à capacidade de decodificar palavras. Também estão acostumados a encontrar as respostas de forma imediata, sem refletir sobre o que lêem, provavelmente pelo uso freqüente da internet como fonte de pesquisa”.

P2: “É um público heterogêneo, alguns refletem e buscam processo e outros mantêm-se alheios às reflexões sobre esse processo”.

P3: “Geralmente sem autocrítica, sem interesse pela leitura e pelas atividades realizadas”.

P4: “Alguns encontrar dificuldades desde dos primeiros anos de estudo”.

P5: “Boa, pois estou sempre fazendo leitura com eles, e assim compreendem o assunto”.

P6: “Alguns têm vergonha de sua leitura. Os que têm uma leitura melhor conseguem melhor resultado nas atividades e avaliações”.

P7: “Creio que sentem dificuldades em entender o que os textos dizem”.

Os professores apontaram que os alunos geralmente não fazem autocríticas (a si mesmo) em relação ao seu próprio processo de leitura. Porém, como dito pelo professor 6, alguns tem vergonha da sua leitura.

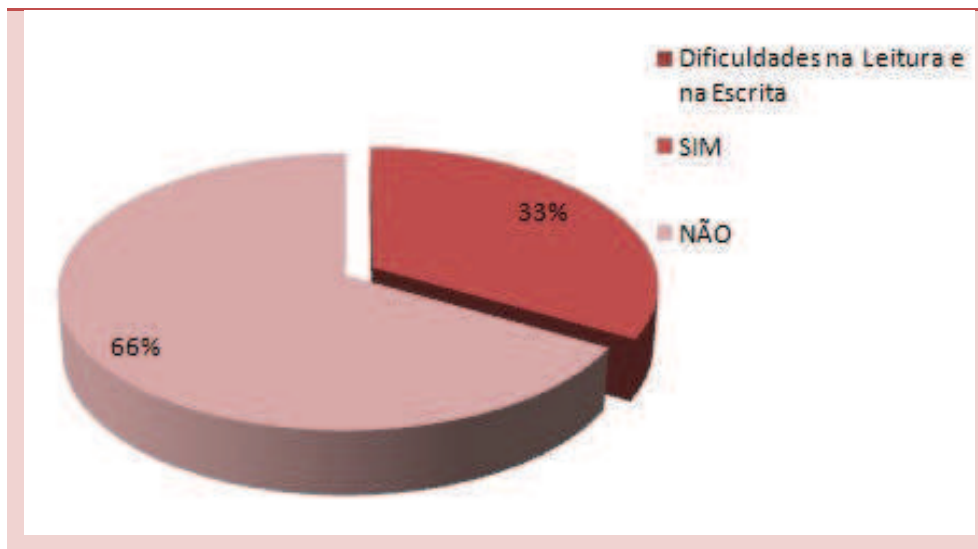
Para alguns professores, os alunos reconhecem que quanto maior sua leitura, maior a facilidade no processo de aprendizagem. E que a dificuldade de leitura atrapalha o processo de interpretação textual e, por consequência, retarda o processo de reflexão e críticas.

5.2 Questionários aplicados aos alunos

Bloco 1: Você tem dificuldade de leitura e de escrita? Quais?

Como mostra o gráfico abaixo, 33,3% relataram que tem sim dificuldade na leitura e na escrita. 66,6% relataram que não. Os problemas apontados por aqueles que falaram que tem problemas são dificuldades na acentuação, na pontuação. Alguns também confundem letras e tem problemas na escolha entre as letras ‘M’ e ‘N’.

Gráfico 1: Dificuldades na leitura e escrita.



Fonte: Desenvolvida pela autora, 2014.

Bloco 2: Caso positivo, porque você tem essa (s) dificuldade (s)?

Neste bloco os alunos responderam a pergunta de maneira a apontar, na sua totalidade, duas: a falta de aprendizado nos anos anteriores e problemas de visão, em que eles precisam de óculos mas não tem condições para comprá-los. Esta conclusão está demonstrada nas falas abaixo:

A2: “Porque eu não vejo muito bem.”

A9: “Porque não uso óculos, e deveria usar.”

A6: “Porque não aprendi direito.”

Bloco 3: Caso negativo, porque você não possui nenhuma dificuldade?

Os alunos relataram que não tem dificuldades por lerem bastante em casa, influenciados pela família, pela facilidade em aprender, graças ao ensino ofertado pela escola e por prestar atenção no que escreve e em que costuma ler. Isso está demonstrado nas falas abaixo:

A12: “Porque eu gosto muito de ler e escrever, e também eu presto atenção nas palavras e em tudo que eu costumo ler.”

A8: “Porque estudamos e sabemos ler bem.”

A11: “Porque quando eu era pequeno todas as pessoas da minha família me botavam pra ler.”

Essas respostas contradizem os relatos dos professores que dizem que as famílias estão ausentes no processo educacional, e principalmente no que concerne ao processo de desenvolvimento e aperfeiçoamento da leitura.

Bloco 4: O que pode fazer você melhorar o processo de leitura e de escrita e, por consequência, sua aprendizagem?

Quase todos os alunos relataram que podem melhorar o seu processo de leitura e escrita praticando mais e mais, lendo com mais frequência revistas, jornais, gibis, cartazes. Dois apontaram que podem melhorar seu processo de aprendizagem através de óculos, facilitando sua leitura e conseqüentemente a escrita.

A1: “Ler livros em casa, gibis e para escrever historias e juntando letras.”

A4: “Mais estudos e muita atenção nas coisas.”

A8: “Ler mais livros, revistas e cartazes.”

Podemos concluir que os alunos são conscientes de sua dificuldade e das soluções para saná-las.

Bloco 5: O que seus professores fazem para melhorar sua leitura e sua escrita?

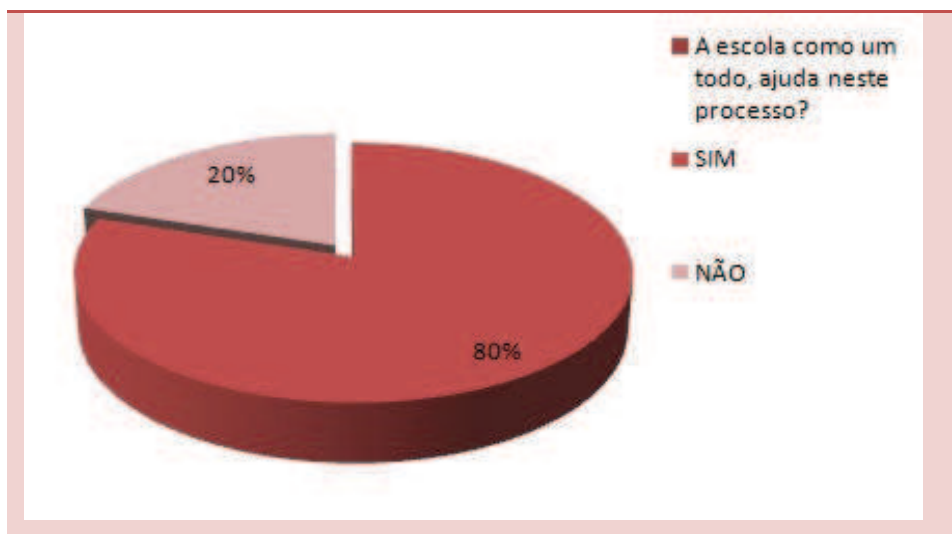
Todos os alunos apontaram que para melhorar a leitura e escrita os professores passam leitura e exercícios de interpretação textual para casa. Porém, pudemos observar que os próprios alunos tem resistência em realizar essas atividades e conseqüentemente continuam com dificuldades na leitura e escrita.

Seus relatos, por unanimidade, confirmam a utilização de metodologia educacional tradicional no processo de ensino-aprendizagem.

Bloco 6: A escola como um todo, ajuda neste processo?

80% dos alunos que responderam esse questionário apontaram que a escola ajuda sim nesse processo. Essa grande maioria que disse que a escola ajuda sim é consciente que o que falta para que eles desenvolvam sua leitura e escrita é a força de vontade própria e meios mais atraentes para que eles desenvolvam isso. 20% responderam que não.

Gráfico 2: Ajuda da escola no processo de aquisição da leitura e da escrita.



Fonte: Desenvolvida pela autora, 2014.

Bloco 7: Sua família contribui para sua aprendizagem e incentivo à leitura e à escrita? De que maneira?

Todos responderam que sim. Relataram que a família pede para que eles leiam mais e pratiquem mais a escrita, através de atenção e orientação, conselhos para que eles pratiquem cada vez mais. Um dos alunos relatou que sua família o presenteia todo mês com um livro para que ele domine cada vez mais a língua portuguesa.

Bloco 8: Como gostaria que o processo de leitura e escrita fosse trabalhado na escola? (Dê sugestões).

Os alunos gostariam que o processo de leitura e escrita fosse trabalhado na escola através de peças teatrais, músicas e brincadeiras. Gostariam que a escola disponibilizasse diretamente aos alunos livros para que eles praticassem a leitura e que a escola também tivesse aulas específicas de literatura, de leitura e escrita.

A10: “Fazer peças de teatro.”

A2: “Presenteando os alunos livros.”

A7: “Gostaria que fosse trabalhado mais textos para leitura para os alunos de toda a escola.

Das respostas podemos perceber a necessidade latente da introdução do lúdico no processo educacional.

5.3 Atividades

Primeiramente foi aplicada a atividade de leitura e conversação, que teve como objetivo fazer uma sondagem de leitura e compreensão do texto versus a uma tradução oral, no primeiro momento os alunos fizeram uma leitura silenciosa e em seguida alguns

dos alunos fizeram uma leitura em voz alta para toda a turma e finalizando com a partilha dos parágrafos de que mais gostaram e respondendo as perguntas e colocações que foram oportunas dentro dos textos sugeridos.

Essa atividade foi uma das mais produtivas e pudemos avaliar diretamente a leitura dos alunos do 6º do ensino fundamental II da Escola Estadual Pedro Lins Vieira de Melo.

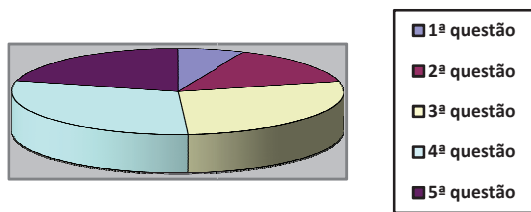
Avaliamos, portanto, que os alunos na sua grande maioria tem dificuldade com a leitura. Confundem as vogais e as consoantes ‘m’ e ‘n’. Tem sérios problemas de entonação, de domínio da acentuação e lêem extremamente devagar, mesmo textos simples como uma tirinha da Turma da Mônica. Concluindo assim, que uma media de 90% dos alunos que realizaram essa atividade apresentam pelo menos uma dos problemas de leitura citados anteriormente.

Posteriormente foi aplicada a atividade com 5 questões para avaliar a interpretação do texto adaptado da obra de La Fontaine, A cigarra e a formiga. A elaboração das questões interpretativas foi feita de forma objetiva e sucinta, com um grau de dificuldade que exigia de quem respondesse, uma leitura concentrada, porém prazerosa. Essa atividade foi feita em dupla para aguçar ainda mais a discussão entre eles pela forma singular como cada um teria de ver a leitura do texto.

A primeira questão, perguntando qual a qualidade que poderia ser atribuída à formiga teve 73,3% de acertos. A segunda questão que tratava do ditado popular que melhor representaria a moral da fabula, teve 46,6% de acertos. A terceira questão foi uma pergunta: “Por que a cigarra não possuía provisão na despensa?”, essa questão foi muito acertada e teve 86,6% de acertos. A quarta questão foi as que mais os alunos acertaram, tratava da solução encontrada pela cigarra para resolver o problema e teve 93,3% de acertos. A última questão foi gramatical e teve uma porcentagem de acertos não tão satisfatórios, 66,6%.

Podemos melhor visualizar esses resultados no gráfico abaixo:

Gráfico 3: Acertos nas atividades.



Fonte: Desenvolvida pela autora, 2014.

Portanto a aplicação dessa atividade foi bem satisfatória já que através dela foi possível ter um aparato geral de como os alunos estão sabendo interpretar textos. A maioria dos alunos teve um bom desempenho com 4 duplas acertando 100% das questões.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Consideramos que a pesquisa realizada na Escola Estadual Pedro Lins Vieira de Melo, trouxe-nos resultados significativos acerca das dificuldades encontradas pelos alunos no processo de ensino-aprendizagem da leitura e da escrita. A experiência obtida com a elaboração da presente monografia, da pesquisa bibliográfica e aplicação das atividades foram bem satisfatórias em todos os aspectos educacionais.

Foram abordados e analisados diversos aspectos que nos permitiram conclusões satisfatórias, dentre eles os conceitos que permeiam o processo de leitura e escrita no contexto do ensino fundamental II, as problemáticas que levam as dificuldades de leitura e escrita dos alunos citados.

Para que a criança tenha sucesso na apropriação da leitura e escrita é necessário que a escola reconheça que uma grande maioria de alunos tem sérios problemas no processo de aprendizagem e desenvolva projetos que visam melhorar a leitura e escrita dos seus alunos. É importante também que as escolas trabalhem a pré-leitura, pois o não desenvolvimento dessas habilidades poderá fazer com que a criança fracasse na aprendizagem da leitura e escrita.

Desta pesquisa podemos concluir que os métodos de ensino-aprendizagem de leitura e escrita nos alunos do ensino fundamental II, da Escola Estadual Pedro Lins Vieira de Melo foram analisados; estudamos, mesmo que de maneira breve, e entendemos os conceitos que permeiam o processo de leitura e escrita no contexto do ensino fundamental II; identificamos as problemáticas que levam à dificuldade de leitura e escrita; descrevemos, ainda que de maneira simplória, as dificuldades de leitura e escrita dos alunos citados.

Pudemos perceber com este trabalho que as hipóteses de nossa pesquisa foram positivadas: cada vez mais os alunos da rede pública de ensino demonstram dificuldade de leitura e escrita no ensino fundamental II. Na escola estudada não é diferente; nos dias de hoje, os alunos do Ensino Fundamental apresentam problemas que afetam diretamente no desenvolvimento da leitura e da escrita, dentre eles distúrbios e dificuldades de aprendizagem, um alto grau de desmotivação, problemas familiares; o professor tem a função de transmitir conhecimento e criar cidadãos com a visão crítica e

aprofundada da realidade. Porém se deparam com inúmeros obstáculos no ambiente escolar e na sociedade da qual fazem parte, sendo até mesmo impedidos de trabalhar as dificuldades de leitura e escrita. Isso ficou claro nas falas dos alunos.

Então, aos professores fica o apelo: o desenvolvimento e o aprimoramento da leitura e da escrita é um processo de que os professores precisam tomar parte como responsabilidade social. Daí, proporcionar aos estudantes a oportunidade de aprender integralizando família, sociedade e escola.

Aos professores e educadores em geral, cabe o grande esforço. Aos alunos, o merecimento.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, S. F. C. de. O lugar da afetividade e do desejo na relação ensinar-aprender. *Temas em Psicologia*, n.1, 1993. In: _____ et al. *Concepções e práticas de psicólogos escolares acerca das dificuldades de aprendizagem. Psicologia: Teoria e Pesquisa*, v.11, n.2, p.117-134, maio/ agosto, 1995.
- AQUINO, José. **O aluno, o professor e a escola: Prática de ensino de Geografia e estágio supervisionado**, São Paulo: Contexto, 2007, p. 78 a 86.
- BARCA LOZANO, A., PORTO RIOBOO, A. Dificultades de aprendizaje: categorías y clasificación, factores, evaluación y proceso de intervención psicopedagógica. In: SANTIUSTE BERMEJO, V., BELTRÁN LLERA, J. A. **Dificultades de aprendizaje**. Madrid: Editorial Síntesis, 1998.
- BOCK, Ana Mercês Bahia, FURTADO, Odair, TEIXEIRA, Maria de Lourdes Trassi. **Psicologias: uma introdução ao estudo de psicologia**. São Paulo, Ed. Saraiva, 2002.
- BRZEZINSKI, Iria. Profissão professor: identidade e profissionalização docente. In: _____ (Org.). **Profissão professor: identidade e profissionalização docente**. Brasília: Plano, 2002. p. 7-19.
- CALLAI, Helena. **A formação do Profissional de Geografia**. Rio Grande do Sul. 2 ed: Ed. Unijuí, 2003.
- CASTILLO, H.V. A leitura de textos literários versus textos científicos por leitores incipientes. In: WITTER, G. P. (Org) **Leitura: textos e pesquisas**. Campinas: Alínea, 1999.
- COLLARES, C. A. L. **Ajudando a desmistificar o fracasso escolar**. *Idéias*, n.6, p.24-28, 1992.
- CURY, Augusto Jorge. Sete hábitos dos bons professores e dos professores fascinantes. In: _____. **Pais brilhantes, professores fascinantes**. Rio de Janeiro: Sextante, 2003.
- DEL RIO, Tatiana. /UFRJ. O que é ler?. **Abrace um aluno escritor**. Disponível em: <<http://www.abraceumalunoescritor.org/>> . Acesso em: 28 janeiro 2014.
- DOCKRELL, J., MCSHANE, J. **Dificultades de aprendizaje en la infancia: un enfoque cognitivo**. Barcelona: Ediciones Paidós Ibérica S.A., 1997.
- FANTE, Cléo. **Fenômeno Bullying: como prevenir a violência nas escolas e educar para a paz**. 2. ed., Campinas: Verus, 2005;
- FERREIRO, E.; TEBEROSKY, A. **Psicogênese da língua escrita**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1986.

FONTANA, Roseli A. Cação. **Como nos tornamos professoras?** 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

FREIRE, Paulo. **A Importância do Ato de Ler:** em três artigos que se completam. 22 ed. São Paulo: Cortez, 1988.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia:** saberes necessários à prática educativa. 36. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2007. (Coleção Leitura)

GARCÍA SÁNCHEZ, J. N. Historia y concepto de las dificultades de aprendizaje. In: SANTIUSTE BERMEJO, V., BELTRÁN LLERA, J. A. **Dificultades de aprendizaje.** Madrid: Editorial Síntesis, 1998.

GOLDENBERG, M. **A arte de pesquisar.** Rio de Janeiro: Record, 1997.

KEMMIS, Stephen e MCTAGGART, Robin. **Cómo planificar la investigación-acción.** Barcelona: Editorial Alertes, 1988.

KLEIMAN, Ângela. A concepção escolar da leitura. In: **Oficina de leitura.** Teoria e Prática. 7ª ed. Campinas: Pontes, 2000.

KRAMER, Sônia. Escrita, experiência e formação: múltiplas possibilidades de LOURENÇO FILHO, Manoel Bergström. **O ensino e a biblioteca.** Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1946. 1ª Conferência da Série “A educação e a biblioteca”, pronunciada na Biblioteca do DASP, em 05/07/1944.

MAGNANI, Maria do Rosário Mortatti. **Leitura, Literatura e Escola – sobre a MEC/INEP,** 2011

MOYSÉS, M. A. A. **Fracasso escolar:** uma questão médica? *Idéias*, n.6, p.29-31, 1992.

MOYSÉS, M. A. A., COLLARES, C. A. L. **A história não contada dos distúrbios de aprendizagem.** Caderno CEDES, n.28, p.31-48, 1992.

NÉRICI, Imídeo G. **Introdução à didática geral:** dinâmica da escola. 14. ed. v. 2. Rio de Janeiro: Científica, 1994.

OLWEUS, Dan. 1993. **Bullying at school:** What we know and what we can do. London, Lackwell, 140 p.

ORLANDI, Eni Pulcinelli.et al. **Leitura:** perspectivas interdisciplinares. 5ª ed. São Paulo: Ática, 2005, 115 p.

PEREIRA, A.C. S; AMBRÓZIO, C.R; SANTOS, C.N; BORSATO, F.; RIECHI, T.I.J. Família e dificuldades de aprendizagem, uma reflexão sobre a relação pais e filhos. Universidade Federal do Paraná (UFPR): PROEC. Paraná, 2005.

PRIETO SÁNCHEZ, M. D. Procesos de razonamiento y dificultades de aprendizaje. In: SANTIUSTE BERMEJO, V., BELTRÁN LLERA, J.A. **Dificultades de aprendizaje.** Madrid: Editorial Síntesis, 1998.

SANTOS, Milton. **Técnica, espaço e tempo**: globalização e meio técnico-científico Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais**: Língua Portuguesa, v. 2 – Brasília, 1997.

SILVA, Ana Beatriz B. **Bullying**: Mentis perigosas nas escolas / Ana Beatriz Barbosa Silva. Rio de Janeiro: Objetiva, 2010.

TIBA, I. **Disciplina, limite na medida certa**: Novos Paradigmas. São Paulo: Integrare, 2006.

TORRE, J. C. Apresentação: a motivação para a aprendizagem. In: TAPIA, J. A.; FITA, E. C. **A motivação em sala de aula**: o que é, como se faz. 4. ed. São Paulo: Loyola, 1999. p. 7-10.

TRIVINOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais**: a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 1987.

VEIGA, F. H. **Transgressão e autoconceito dos jovens na escola**. 2^a. ed. Lisboa: Edições Fim de Século, 1996.

_____. **Indisciplina e violência na escola**: Práticas comunicacionais para professores e pais. Coimbra: Almedina, 2001.

ZENTI, L. Aulas que seus alunos vão lembrar por muito tempo: motivação é a chave para ensinar a importância do estudo na vida de cada um de nós. **Nova Escola**, São Paulo: Abril, v. 134, ago. 2000.

APÊNDICES

APÊNDICE A

Questionário aplicado aos professores



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
PRÓ-REITORIA DE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO E FUNDAMENTOS DA EDUCAÇÃO: PRÁTICAS
PEDAGÓGICAS E INTERDISCIPLINARES

QUESTIONÁRIO

Senhores (as) Professores (as),

Este questionário visa levantar dados para a pesquisa do trabalho de conclusão do curso de Especialização em Fundamentos da Educação: Práticas Pedagógicas Interdisciplinares da Universidade Estadual da Paraíba.

A pesquisa intitulada “As dificuldades de leitura e escrita: olhar para o 6º ano do ensino fundamental da Escola Pedro Lins Vieira de Melo” visa analisar o processo de ensino-aprendizagem de leitura e escrita nos alunos do ensino fundamental II, da escola Pedro Lins Vieira de Melo.

Sua participação é voluntária.

Desde já agradeço a sua colaboração.

1. Como você classifica o processo de leitura e escrita dos alunos do 6º ano do ensino fundamental II desta escola?

2. Quais as maiores dificuldades que você, enquanto educador (a), encontra em sala de aula no que concerne ao processo de leitura e escrita?

3. Como você lida com a dificuldade de leitura e escrita dos alunos do 6º ano?

4. Quais os instrumentos didáticos que você utiliza para interferir na dificuldade de leitura dos alunos do 6º ano do ensino fundamental II?

5. Você desenvolve alguma atividade que vise aperfeiçoar o processo de leitura e escrita especificamente para os alunos do 6º ano? Quais?

6. Como você classifica a participação e envolvimento dos pais dos alunos do 6º ano? Justifique sua resposta.

7. Qual a visão dos alunos sobre seu próprio processo de leitura?

Muito Obrigada!

Dilma Adelaide.

APÊNDICE B

Questionário aplicado aos alunos



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
PRÓ-REITORIA DE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO E FUNDAMENTOS DA EDUCAÇÃO: PRÁTICAS
PEDAGÓGICAS E INTERDISCIPLINARES

QUESTIONÁRIO

Caros (as) alunos (as),

Este questionário visa levantar dados para a pesquisa do trabalho de conclusão do curso de Especialização em Fundamentos da Educação: Práticas Pedagógicas Interdisciplinares da Universidade Estadual da Paraíba.

A pesquisa intitulada “As dificuldades de leitura e escrita: olhar para o 6º ano do ensino fundamental da Escola Pedro Lins Vieira de Melo” visa analisar o processo de ensino-aprendizagem de leitura e escrita nos alunos do ensino fundamental II, da escola Pedro Lins Vieira de Melo.

Sua participação é voluntária.

Desde já agradeço a sua colaboração.

1. Você tem dificuldade de leitura e de escrita? Quais?

2. Caso positivo, porque você tem essa (s) dificuldade (s)?

3. Caso negativo, porque você não possui nenhuma dificuldade?

4. O que pode fazer você melhorar o processo de leitura e de escrita e, por consequência, sua aprendizagem?

5. O que seus professores fazem para melhorar sua leitura e sua escrita?

6. A escola como um todo, ajuda neste processo?

7. Sua família contribui para sua aprendizagem e incentivo à leitura e à escrita? De que maneira?

8. Como gostaria que o processo de leitura e escrita fosse trabalhado na escola? (Dê sugestões).

Muito obrigada!

Dilma Adelaide.

APÊNDICE C

Atividades aplicadas aos alunos

Atividade 1 ATIVIDADE DE LEITURA E CONVERSAÇÃO

1 – O homem e a galinha

Era uma vez um homem que tinha uma galinha.

Era uma galinha como as outras.

Um dia a galinha botou um ovo de ouro.

O homem ficou contente. Chamou a mulher:

- Olha o ovo que a galinha botou.

A mulher ficou contente: – Vamos ficar ricos!

E a mulher começou a tratar bem da galinha.

Todos os dias a mulher dava mingau para a galinha.

Dava pão-de-ló, dava até sorvete.

E a galinha todos os dias botava um ovo de ouro.

Vai que o marido disse:

- Pra que este luxo todo com a galinha?

Nunca vi galinha comer pão-de-ló...

Muito menos sorvete! Vai que a mulher falou:

- É, mas esta é diferente. Ela bota ovos de ouro!

O marido não quis conversa:

- Acaba com isso, mulher. Galinha come é farelo.

Aí a mulher disse:

- E se ela não botar mais ovos de ouro?

- Bota sim! – o marido respondeu.

A mulher todos os dias dava farelo à galinha.

E a galinha botava um ovo de ouro.

Vai que o marido disse:

- Farelo está muito caro, mulher, um dinheirão!

A galinha pode muito bem comer milho.

- E se ela não botar mais ovos de ouro?

- Bota sim. – respondeu o marido.

Aí a mulher começou a dar milho pra galinha.

E todos os dias a galinha botava um ovo de ouro.

Vai que o marido disse:

- Pra que este luxo de dar milho pra galinha?

Ela que cate o de-comer no quintal!

- E se ela não botar mais ovos de ouro?

- Bota sim – o marido falou.

E a mulher soltou a galinha no quintal.

Ela catava sozinha a comida dela.

Todos os dias a galinha botava um ovo de ouro.

Um dia a galinha encontrou o portão aberto.

Foi embora e não voltou mais.

Dizem, eu não sei, que ela agora está numa boa casa onde tratam dela a pão-de-ló.

(Ruth Rocha, Enquanto o mundo pega fogo, 2. ed. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1984.p.14-9.)

2 – As sem-razões do amor

Eu te amo porque te amo,
 Não precisas ser amante,
 e nem sempre sabes sê-lo.
 Eu te amo porque te amo.
 Amor é estado de graça
 e com amor não se paga.

Amor é dado de graça,
 é semeado no vento,
 na cachoeira, no eclipse.
 Amor foge a dicionários
 e a regulamentos vários.

Eu te amo porque não amo
 bastante ou demais a mim.
 Porque amor não se troca,
 não se conjuga nem se ama.
 Porque amor é amor a nada,
 feliz e forte em si mesmo.

Amor é primo da morte,
 e da morte vencedor,
 por mais que o matem (e matam)
 a cada instante de amor.

Carlos Drummond de Andrade

3 – Tirinha Turma da Monica



Atividade 2

ATIVIDADE DE LEITURA E INTERPRETAÇÃO

A cigarra e a formiga

(Adaptado da obra de La Fontaine)

Era uma vez uma cigarra que vivia saltitando e cantando pelo bosque, sem se preocupar com o futuro. Esbarrando numa formiguinha, que carregava uma folha pesada, perguntou:

- Ei, formiguinha, para que todo esse trabalho? O verão é para gente aproveitar! O verão é para gente se divertir!

- Não, não, não! Nós, formigas, não temos tempo para diversão. É preciso trabalhar agora para guardar comida para o inverno.

Durante o verão, a cigarra continuou se divertindo e passeando por todo o bosque. Quando tinha fome, era só pegar uma folha e comer. Um belo dia, passou de novo perto da formiguinha carregando outra pesada folha.

A cigarra então aconselhou:

- Deixa esse trabalho para as outras! Vamos nos divertir. Vamos, formiguinha, vamos cantar! Vamos dançar!

A formiguinha gostou da sugestão. Ela resolveu ver a vida que a cigarra levava e ficou encantada. Resolveu viver também como sua amiga. Mas, no dia seguinte, apareceu a rainha do formigueiro e, ao vê-la se divertindo, olhou feio para ela e ordenou que voltasse ao trabalho. Tinha terminado a vidinha boa.

A rainha das formigas falou então para a cigarra:

- Se não mudar de vida, no inverno você há de se arrepender, cigarra! Vai passar fome e frio.

A cigarra nem ligou, fez uma reverência para rainha e comentou:

- Hum!! O inverno ainda está longe, querida!

Para cigarra, o que importava era aproveitar a vida, e aproveitar o hoje, sem pensar no amanhã. Para que construir um abrigo? Para que armazenar alimento? Pura perda de tempo.

Certo dia o inverno chegou, e a cigarra começou a tiritar de frio. Sentia seu corpo gelado e não tinha o que comer. Desesperada, foi bater na casa da formiga. Abrindo a porta, a formiga viu na sua frente a cigarra quase morta de frio. Puxou-a para dentro, agasalhou-a e deu-lhe uma sopa bem quente e deliciosa.

Naquela hora, apareceu a rainha das formigas que disse à cigarra:

- No mundo das formigas, todos trabalham e se você quiser ficar conosco, cumpra o seu dever: toque e cante para nós.

Para cigarra e para as formigas, aquele foi o inverno mais feliz das suas vidas.

1) De acordo com o texto, qual qualidade poderia ser atribuída a formiga?

- a) Mesquinha
- b) Solidaria
- c) Impaciente

d) Brava

2) Qual ditado popular melhor representaria o ensinamento(a moral) da fábula?

- a) Pobre de quem pode ajudar a quem só sabe fazer mal.
- b) O que os olhos não veem o coração não sente.
- c) A mentira corre e cansa, a verdade anda e alcança.
- d) Filho de peixe, peixinho é.

3) De acordo com a fábula da Cigarra e da Formiga, por que a cigarra não possuía provisão na despensa?

- a) Porque esqueceu de guardar
- b) Porque passou o verão comendo
- c) Porque passou o verão cantando
- d) Porque estragou tudo durante o verão

4) Qual a solução encontrada pela cigarra para resolver seu problema?

- a) Pediu ajuda a alguém próximo a ela
- b) Saiu em busca de emprego
- c) Foi morar no Brasil
- d) Aproveitou para fazer um regime

5) Observe o contexto em que as seguintes palavras estão e assinale a opção em que o significado não corresponde à palavra retirada do texto:

- a) imprevidente: precavida, cautelosa
- b) provisão: mantimentos, alimentos
- c) obsequiosa: que presta favores
- d) sem mora: sem demora

ANEXOS

ANEXO A

Fotos da aplicação do questionário e dos exercícios com alunos

